



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

DANIELA DA SILVA RABELO

**O DESENHO QUE NÓS CRIAMOS: UM OLHAR SOBRE A DISCIPLINA DE ARTE
E EDUCAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC**

FORTALEZA

2020

DANIELA DA SILVA RABELO

**O DESENHO QUE NÓS CRIAMOS: UM OLHAR SOBRE A DISCIPLINA DE ARTE
E EDUCAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

**FORTALEZA
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R114d Rabelo, Daniela da Silva.

O Desenho que Nós Criamos : Um Olhar Sobre a Disciplina de Arte e Educação do Curso de Pedagogia da UFC / Daniela da Silva Rabelo. – 2020.

73 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia , Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

1. Disciplina de Arte e Educação. 2. Desenho Infantil. 3. Disciplina. 4. Arte na Formação de Pedagogos e Pedagogas. 5. Arte na Pedagogia. I. Título.

CDD 370

DANIELA DA SILVA RABELO

**O DESENHO QUE NÓS CRIAMOS: UM OLHAR SOBRE A DISCIPLINA DE ARTE
E EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal
do Ceará, como um dos pré-requisitos para
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciane Germano
Goldberg.

Aprovada em: ____/____/____

-

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg (UFC)
Professora Orientadora

Profa. Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto (UFC)
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva (UFC)
Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Poderia preencher esta página com vários nomes, mas prefiro não ser tão específica. Apenas sou grata à todos que seguraram minhas mãos, enxugaram minhas lágrimas, me fizeram sorrir e me guiaram até aqui.

Os adultos me aconselharam a deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas e me interessar mais por geografia, história, matemática e gramática. Foi assim que, aos seis anos, abandonei uma magnífica carreira de pintor (SAINT – EXUPÉRY, 2015, p. 10).

RESUMO

A presente monografia se trata de uma pesquisa que tem por objetivo geral reconhecer o papel da disciplina de Arte e Educação, considerando sua abordagem sobre desenho infantil na formação de professores e professoras no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Para alcançar esse objetivo foi necessário identificar o lugar da disciplina de Arte e Educação no currículo do curso, justificar a importância da disciplina a partir da análise de documentos pertinentes à formação de pedagogos e pedagogas, bem como a educação artística no âmbito escolar e investigar o olhar discente sobre a disciplina e o estudo do desenho infantil a partir da reconstrução de minhas próprias experiências, bem como as experiências de outros(as) estudantes. Esta é uma pesquisa qualitativa que se utilizou de um referencial teórico baseado, principalmente em autores como Edith Dedyk (1989), Maria Heloísa C. de T. Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari (2009), Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain (1977), Ana Angélica Albano Moreira (2009) e Luciane Goldberg(1999), além de pesquisas realizadas sobre a disciplina de Arte e Educação e um mapeamento de dados adquiridos por meio de análises documentais e entrevistas semi-estruturadas realizadas com três estudantes do curso de Pedagogia da UFC que já cursaram a disciplina de Arte e Educação com a professora Dra. Luciane Goldberg. Assim, por meio desse trabalho, concluiu-se que o papel da disciplina é importante e indispensável para a formação de professores e professoras que saem da Faculdade de Educação da UFC, entretanto, sua carga horária é insuficiente para a abordagem de todos os conteúdos necessários e não condiz com a relevância da Arte na educação.

Palavras-chave: Disciplina de Arte e Educação; Desenho Infantil; Disciplina; Arte na formação de pedagogos; Arte na Pedagogia.

LISTA DE FIGURAS

MEU DESENHO

Figura 1: Primeiro desenho realizado na disciplina	18
Figura 2: Desenho elaborado para minha linha do tempo	21
Figura 3: Desenho elaborado para minha linha do tempo (1)	22
Figura 4: Desenho pessoal	23
Figura 5: Desenho recebido de Diana	26
Figura 6: Desenho recebido de Diana (1)	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
FACED	Faculdade de Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MEU DESENHO	17
2.1 O primeiro desenho	17
2.2 Os próximos desenhos	20
2.3 Meu desenho, minha vida	23
3 ONDE ESTÃO A PROFESSORA E O PROFESSOR	29
3.1 A Pedagogia do Curso de Pedagogia	29
3.2 Arte e Educação para a Pedagogia	34
4 NOSSO DESENHO	42
4.1 Vivenciando a Disciplina	42
4,2 Desenho Infantil	45
4.3 A Arte e Educação no Curso de Pedagogia	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICES	59
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	59
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	61
APÊNDICE C - ENTREVISTAS COM ESTUDANTES	63
ANEXOS	70
ANEXO A – Plano de Ensino da Disciplina de Arte e Educação 2017.2	70

1 INTRODUÇÃO

Desde o início de sua história o ser humano exerce sua criatividade expressando o seu modo de ver o mundo por meio da arte. Com desenhos e outras formas de expressão como esculturas e músicas, deixamos registradas as nossas rotinas, nossas formas de pensar, sentir e viver a vida. A arte é uma forma de representação da realidade, que pode estar diante dos nossos olhos, mas, sobretudo, dentro de nós. Posso afirmar que esse é o sentimento que carrego acerca da arte, *essencialidade*, um sentimento que pude entender - e que ajudou a me entender - quando cursei a disciplina de Arte e Educação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre do ano de 2017.

Arte e Educação é uma disciplina que envolve aspectos artísticos que devem ser trabalhados na Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais, bem como conceitos fundamentais para a Arte-Educação, desse modo, os (as) estudantes podem compreender que a arte não é apenas um mero passatempo, mas um campo de conhecimento de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano e que merece atenção das instituições educacionais, pois, assim como afirmam Ferraz e Fusari(2009), a escola também é um lugar onde se pode estudar a arte e a sua difusão na sociedade, portanto, aqueles que trabalham ou trabalharão com educação, também precisam ter uma formação adequada no campo da arte.

A disciplina que cursei foi ministrada pela professora Luciane Germano Goldberg¹, arte-educadora que desde sua graduação tem estudado o grafismo infantil, assim, no curso, desenvolve parte de seu trabalho como professora da disciplina em cima desse tema, defendendo que o desenho infantil tem seu processo interrompido, provocado muitas vezes pela própria escola que o tem como algo insignificante ou um mero passatempo, como já mencionado. Portanto, para essa pesquisa, será considerado somente o trabalho adotado pela professora Luciane na disciplina, visto que temos outros docentes na Faculdade de Educação (Faced) também ministrando Arte e Educação.

Meu interesse pela disciplina - e pelo campo da arte - surgiu a partir do momento em que pude perceber que as coisas ainda continuam as mesmas. Edith Derdyk em 1989, há 30 anos, afirmava que na maioria das escolas a arte, mais precisamente a educação artística, era

¹ A professora Dra. Luciane Germano Goldberg tornou-se professora efetiva da disciplina de Arte e Educação no Departamento de Teoria e Prática do Ensino mediante concurso público em 2009, assumindo a disciplina a partir de 2011 e sendo a única professora da área até 2018, quando foi aprovado outro professor para a área. Em vista disso, depois de sete anos com uma única responsável, agora a área tem mais possibilidades de crescimento e oferta de disciplinas optativas, devido à chegada de um novo professor.

considerada como algo que servia apenas para aliviar as tensões ou para representar ocasiões especiais e, atualmente, podemos nos deparar com a mesma situação. Notei que isso continua acontecendo ao recolher alguns desenhos de crianças para uma das atividades da disciplina, o Portfólio do Desenho Infantil², e vi em muitas delas a relutância em fazer seus desenhos por se autodenominarem más desenhistas ou acreditarem que não sabem desenhar. No local onde eu trabalhava tive uma pequena oportunidade de incentivar algumas crianças a desenhar por meio dos meus próprios desenhos, aos quais me dediquei mais durante e depois de cursar a disciplina. Aos poucos, entre uma tarefa e outra, pude conversar sobre desenhos e mostrar alguns deles e, também aos poucos, fui ganhando alguns desenhos de presente de algumas crianças.

De maneira interessante, Ana Angélica Albano Moreira (2009) ao relatar sua experiência com o desenho, na escola e em casa com seus filhos, afirma que percebeu que seus desenhos estimulavam os desenhos de seus filhos, e que “o estado de criação”, assim como ela denomina, é algo contagiante. Considerando essas experiências, posso felizmente afirmar que fui contagiada e também contagei algumas pessoas. Não faz sentido pedir para uma criança desenhar se deixamos nosso desenho estagnado no passado, não podemos encontrar significado no que foi feito sobre o papel, sobre as paredes, com os brinquedos ou com os objetos da casa. Por isso é importante que nós, pedagogos e pedagogas, possamos experienciar a arte e reencontrar nossos desenhos, desse modo, proporcionar experiências artísticas aos professores em formação é tão importante quanto proporcionar experiências artísticas às crianças.

Segundo a resolução nº 1, de 15 de maio de 2006 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96, os responsáveis pela Educação Infantil e pelos anos iniciais do Ensino Fundamental são as pedagogas e os pedagogos, desse modo, são esses profissionais que, além das muitas responsabilidades e atribuições, também terão que trabalhar com a arte no ambiente escolar. Podemos considerar que dentro do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, a única disciplina obrigatória que proporciona a formação no campo aos futuros profissionais é a disciplina de Arte e Educação (64h), em todo o currículo do curso.

Mas é preciso reconhecê-la além da obrigatoriedade, assim, pretendo reconhecer o papel da disciplina de Arte e Educação, considerando sua abordagem sobre desenho infantil

² A atividade de Portfólio do Desenho Infantil consiste na coleta de desenhos de pessoas de idades diferentes que, posteriormente, deve ser identificados e organizados em um portfólio pelos estudantes da disciplina de acordo com as fases do grafismo.

na formação de professores e professoras no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará e, para isso, irei identificar o lugar da disciplina de Arte e Educação no currículo do curso, justificar a importância da disciplina a partir da análise de documentos pertinentes à formação de pedagogos e pedagogas, bem como ao ensino de artes no âmbito escolar e investigar o olhar discente sobre arte-educação e desenho infantil a partir da reconstrução de minhas próprias experiências, bem como das experiências de outros(as)³ estudantes na disciplina.

Esse trabalho é uma pesquisa qualitativa, pois, considerando as ideias de Minayo (2002), que afirma que esse tipo de pesquisa trabalha com questões muito particulares que estão em um universo complexo de significados, entendo que o que foi estudado não pode ser simplesmente quantificado, assim sendo necessária uma análise de uma realidade que apresenta vivências pessoais e coletivas que acarretam na formação de educadores e educadoras para além de suas vidas profissionais. Além disso, foi necessária a realização de pesquisa documental em documentos pertinentes à educação artística no âmbito escolar, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997), Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI (2010) e Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), e, foram estudados documentos que ajudaram a analisar especificamente a disciplina de Arte e Educação no curso de Pedagogia, como o Plano de Ensino da disciplina (2017), Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UFC (2013) e as Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia (2006).

Foram abordados os estudos de Edith Derdyk (1989), Ana Angélica Albano Moreira (2009), Maria Heloísa C. de T. Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari (2009), Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain (1977) Luciane Goldberg (1999), autores que tive acesso através da própria disciplina de Arte e Educação e outros, com a finalidade de obter um referencial teórico por meio de leituras que foram utilizadas como base para as análises de dados obtidos, além de estudos que já foram realizados sobre a disciplina de Arte e Educação, (GOLDBERG, FERREIRA e OLIVEIRA, 2019) os quais ajudaram a entender como a disciplina foi construída até os dias atuais e como ela é e vista pela comunidade acadêmica da Faced.

³ Considerando a grande participação feminina nessa pesquisa, desde sua elaboração até participação em entrevistas, sempre utilizarei os modos feminino e masculino das palavras ao longo do texto.

Foram realizadas também entrevistas semi-estruturadas com estudantes que cursaram a disciplina de Arte e Educação, pois entendemos⁴ que esse tipo de entrevista é o melhor tipo para coletar informações acerca de impressões e até de sentimentos dos(as) estudantes em relação à disciplina. Segundo Minayo (2002), a entrevista semi-estruturada une características das entrevistas estruturadas, que tem perguntas previamente estabelecidas e são mais dirigidas e das entrevistas não-estruturadas ou abertas, que são menos dirigidas e o tema é abordado de forma livre. Além disso, decidimos entrevistar três estudantes, considerando que essa quantidade é a suficiente para realizar uma análise de dados satisfatória, para uma pesquisa de graduação, também houve o cuidado de ter como critério a escolha de estudantes que cursaram a disciplina ministrada por Luciane Goldberg em semestres distintos, pois a intenção é trazer perspectivas diferentes acerca do trabalho realizado e por mais que saibamos que em uma mesma turma existam olhares e compreensões distintas, acreditamos que seja mais coerente, diante dos objetivos de pesquisa, entrevistar estudantes que passaram pela disciplina em diferentes períodos de tempo.

Todas as entrevistas aconteceram no início do mês de dezembro do ano de 2019 e foram gravadas com permissão prévia dos(as) entrevistados(as) utilizando um gravador de voz e, posteriormente, transcritas com o intuito de facilitar suas análises. Um roteiro de perguntas (Ver apêndice A) foi elaborado previamente para nortear e facilitar a compreensão da entrevistadora e dos(as) entrevistados(as). Antes do momento de cada entrevista, foram explicados a todos(as) participantes o tema da pesquisa e o seu objetivo geral para que todos(as) estejam cientes do contexto do trabalho. Além disso, todas as entrevistas aconteceram mediante a assinatura de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Ver anexo B), que foram assinados pelos(as) participantes, pela pesquisadora e pela professora orientadora.

A análise de dados foi feita diante de um mapeamento de todos os dados obtidos por meio das leituras, análise documental e entrevistas, assim eles puderam ser ordenados e classificados de acordo com os objetivos da pesquisa, que orientam o que é mais relevante para o trabalho. Então, foi feita a análise final, na qual foram articulados os dados obtidos com a teoria estudada. Esse momento é de grande importância para a pesquisa, já que, segundo Minayo (2002), as questões da pesquisa podem ser respondidas e pode existir a relação entre a teoria e a prática, ou seja, entre o concreto e o abstrato.

⁴ Ao longo da pesquisa a 1ª pessoa do plural, foi utilizada para se referir a decisões e análises feitas em conjunto com a professora orientadora dessa pesquisa e em situações nas quais um coletivo, no qual estou inserida, é referido. Nas demais situações, foi utilizada a 1ª pessoa do singular.

Deste modo, o trabalho está dividido em três capítulos. No capítulo denominado *Meu Desenho*, construí um breve relato sobre os momentos mais significativos da minha experiência cursando a disciplina de Arte e Educação, bem como experiências relacionadas ao desenho que aconteceram no mesmo período e também foram de extrema relevância na minha vivência com o desenho. Este capítulo é dividido em três subtópicos, cada um dedicado à uma atividade específica que foi realizada durante a disciplina. É importante ressaltar, que não foram feitas meras descrições de minhas experiências, pois foram expostos significados, impressões e o meu olhar como estudante sobre a disciplina de Arte e Educação, tudo isso articulado ao referencial teórico estudado.

No capítulo seguinte, *Onde estão a Professora e o Professor* parti para a análise documental que foi feita em documentos pertinentes à formação de pedagogos e pedagogas pela Universidade Federal do Ceará, como as Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia e o Projeto Pedagógico do Curso – PPC (2013), e também o Plano de Ensino da disciplina de Arte e Educação ministrada pela professora Luciane Goldberg. Além disso, foram feitas análises de documentos relacionados à educação de modo mais amplo, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), os Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998), as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil – DCNEI (2010) e a Base Nacional Curricular Comum - BNCC (2013) a fim atender aos objetivos de determinar como professores e professoras, no papel de arte-educadores, poderão atuar segundo documentos oficiais e identificar o lugar da disciplina no currículo do curso de Pedagogia.

No último capítulo, *Nosso Desenho* foram analisadas as entrevistas realizadas com estudantes do curso de Pedagogia que já cursaram a disciplina de Arte e Educação, articulando as falas dos(as) estudantes com o referencial teórico e a análise documental realizada no capítulo anterior. Por meio dessa análise foi possível investigar o olhar discente sobre a disciplina e perceber que os estudantes a consideram como muito importante na formação de professores e professoras.

Por fim, nas considerações finais, chegamos a conclusão de que podemos reconhecer o papel da disciplina no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará como muito importante e indispensável, entretanto, encontramos uma problemática antiga que se refere a sua carga horária que foi considerada insuficiente para a abordagem de todos os conteúdos necessários e não condiz com a importância do trabalho com a arte na educação, o que

evidencia o descaso que a área vem sofrendo por muitos anos dentro do próprio curso, bem como, na sociedade.

2 MEU DESENHO

Não poderia desenvolver essa pesquisa se não escrevesse aqui sobre a minha própria formação, pois, afinal, como posso entender o desenho de meus alunos e companheiros se não entendo o meu? Considerando o pensamento de Edith Derdyk, é preciso que o arte-educador vivencie a prática na linguagem do desenho. A mesma estudiosa afirma que “[...] a vivência entra em cena como personagem central na formação de pessoas capacitadas a lidar artesanalmente com crianças” (DERDYK, 1989, p. 11).

Assim, este capítulo não será construído de meras descrições, mas de significados que conseguiram ir além da sala de arte da Faculdade de Educação (FACED) e me fizeram desenhar e ver desenho em muitos outros lugares. Segundo Inês Bragança (2011, p.159), “são as experiências formadoras, na força do que nos atinge, que nos sobrevivem, nos derrubam e transformam, inscritas na memória, que retornam pela narrativa não como descrição, mas como recriação, reconstrução.”

Desse modo, pretendo recriar, por meio desse registro, minhas experiências mais significativas e meu olhar sobre a disciplina de Arte e Educação. Esse é o primeiro passo para investigar o olhar discente sobre arte-educação e desenho infantil

2.1 O primeiro desenho

Em uma manhã de quinta-feira, diante de mais um início de semestre, foi pedido a nós, alunos recém-matriculados na disciplina de Arte e Educação, que elaborássemos um desenho que nos representasse. Fiz um quarto com uma enorme esfera do dragão no meio, uma janela aberta mostrando a traseira de um ônibus, uma estante de livros incompleta, um tapete e dois gatos; era o que me representava na época, os símbolos do meu cotidiano. Foi um momento agradável que acendeu uma pequena faísca para o meu interesse em desenho (Ver figura 1).



Figura 1: Primeiro desenho realizado na disciplina.

Meus colegas de turma, obviamente, também desenharam, trazendo nesses desenhos um pouco de sua vida, de suas lembranças da infância, de suas vivências em instituições religiosas e até na própria universidade. No entanto, pude notar que outros colegas não tentaram dar significados mais específicos aos seus desenhos, apenas colocaram no papel aquilo que eles aprenderam a desenhar; a casinha, o sol o boneco palito. E, durante o percurso das apresentações, já que cada qual deveria explicar um pouco sobre o que desenhou, ouvimos algumas desculpas e a famosa frase “eu não sei desenhar”.

Analisando essa situação, podemos notar primeiramente que o desenho foi usado como meio de comunicação entre os presentes na sala, por meio do que desenhamos conhecemos melhor uns aos outros, soubemos que aquela colega é devota de uma determinada religião, que o outro colega torce muito para um determinado time e que para outros colegas a entrada na universidade foi algo extremamente significativo. Edith Derdyk (1989) afirma que o desenho reivindica sua capacidade abrangente como meio de comunicação, de expressão e de conhecimento e naquela manhã, nos comunicamos, expressamos o que era mais significativo para nós e conhecemos melhor uns aos outros. Não somente em uma manhã, mas em outras também, já que os desenhos ficaram expostos na parede da sala durante todo o semestre.

Segundamente, é possível também notar o que os desenhos nos mostram por meio das casinhas, do sol e dos bonecos palito. Esses são os estereótipos que foram impostos a nós quando ainda éramos crianças e que continuamos a reproduzir em nossos desenhos. Segundo Goldberg (1999, p. 39),

Não é de se estranhar que ao pedir para um adulto que desenhe uma paisagem surjam imagens rudimentares ou mesmo os estereótipos. É extremamente constrangedor ao adulto que diz não saber desenhar, ter de fazê-lo, gerando certa frustração.

Reféns desses estereótipos, repetimos “não sei desenhar” e realmente pensamos que não sabemos, porque em algum momento as nossas criações e expressões foram substituídas e foram perdendo o lugar para as letras, para os números para os enormes livros cheios de informações que não nos diziam nada. A escola foi, por muitas vezes, um lugar sem graça que aprisionou nossa espontaneidade e nos induziu a pensar que nossos desenhos não tinham valor. Desse modo, até então, reproduzíamos sem pensar o que aprendemos ser o nosso desenho.

Em minha vida, por muitos anos de minha infância repeti tais estereótipos apresentados a mim por meio de modelos prontos para colorir e copiar; a casinha quase sempre esteve em meus desenhos infantis, assim como os bonecos palito, ora vestidos com roupas coloridas, ora sem nenhuma peça de roupa que os cobrisse. Meus desenhos mudaram quando ganhei outras referências, sendo a maior parte deles a animação japonesa. Assim, deixei de lado meus bonecos palito e passei a desenhar corpos mais robustos e rostos com olhos enormes, imitando o que eu via em *Pokémon*, *Dragon Ball*, *Yu-Gi-Oh* e outras animações que eu gostava de assistir. Segundo Edith Derdyk, a imitação “[...] decorre de experiência pessoal, orientada pela seleção natural que a criança efetua dos “objetos”, para então apropriar-se deste ou daquele conteúdo, forma, figura, tema através da representação” (DERDYK, 1989, p.110). Portanto, por meio de um objeto de interesse pessoal pude deixar de lado o autoritarismo da cópia e incorporar em meus desenhos objetos que me identificavam.

Em meu primeiro desenho na disciplina reproduzi alguns desses objetos ainda sem conhecer o processo pelo qual passei até chegar naquele ponto. A experiência de desenhar tão livremente me foi tão agradável que despertou em mim um interesse maior pelo desenho, ainda não por todo o estudo que o cerca, mas pelo ato de desenhar em si. Assim, passei o semestre inteiro brincando de desenhar.

2.2 Os próximos desenhos

No decorrer do semestre fomos descobrindo pouco a pouco sobre a arte e como trabalhá-la na escola. A disciplina esteve dividida em três eixos sendo o primeiro deles a definição de arte, e arte e educação, o segundo arte, história e ensino e o terceiro desenho infantil e desenvolvimento humano. À primeira unidade foram dedicadas duas aulas, nas quais realizamos os desenhos sobre os quais foram escritos no tópico anterior e discutimos o que é Arte por meio de uma dinâmica na qual, nós, estudantes fomos divididos em grupos e tivemos que montar uma definição para Arte usando um grupo de palavras que nos foi entregue.

Durante a segunda unidade, foi abordada historicamente a educação artística no mundo e no Brasil, atividade que se relaciona com o objetivo de “conhecer a História do Ensino de Arte no Brasil e as consequências desta para a definição de metodologias, práticas, currículos e percepções” que consta no Plano de Ensino da disciplina (2017). Nesse momento foi realizada a atividade de Linha do Tempo que consiste no resgate pessoal de cada estudante acerca da arte em sua vida pessoal e escolar e, para tanto, cada membro da turma deveria buscar uma forma de apresentar, de forma livre, em 10 minutos, a sua linha do tempo aos demais estudantes. Depois das apresentações, em duplas, elaboramos uma análise sobre as linhas do tempo e percebemos que a Arte esteve presente em diversos espaços, como na escola, na igreja, na família e na universidade. Na análise que elaborei juntamente com minha dupla, notamos que em grande parte das apresentações “[...] apareceu a escola, tanto como uma instituição motivadora como a que travou o desenvolvimento de determinada habilidade, porém o momento que mais apareceu foi o de frustração” (RABELO; ARAÚJO, 2017, p. 5). Assim, nos deparamos mesmo em nossas próprias vivências com uma escola que, na maioria dos casos, não recebe bem as nossas expressões e artes e que nos gera descontentamento com nossos próprios desenhos.

Também notamos em nossa análise, que as instituições, principalmente as escolares e as igrejas usam a arte com uma finalidade que vai muito além da valorização da expressão dos indivíduos, até mesmo a sobrepõem. A escola muitas vezes busca a Arte a fim de celebrar datas comemorativas, fazendo os estudantes reproduzirem apresentações de música, dança e cartazes, enquanto a Igreja se utiliza da Arte para o seu objetivo de evangelizar, assim como os jesuítas que, segundo Maria Heloísa C. Ferraz e Maria F. de Rezende Fusari (2009), um dia

dominaram a educação brasileira e se utilizavam da música e do teatro para atrair as crianças para o seu propósito.

Em minha própria linha do tempo deixei clara a frustração que sentia em relação aos meus desenhos gerada pelas atitudes de professores e professoras que não recebiam bem minhas formas de expressão. Para isso criei desenhos que demonstram e recriam situações frustrantes e também motivadoras sobre a arte e mais especificamente o desenho em minha vida (Ver figuras 2 e 3).



Figura 2: Desenho elaborado para minha linha do tempo

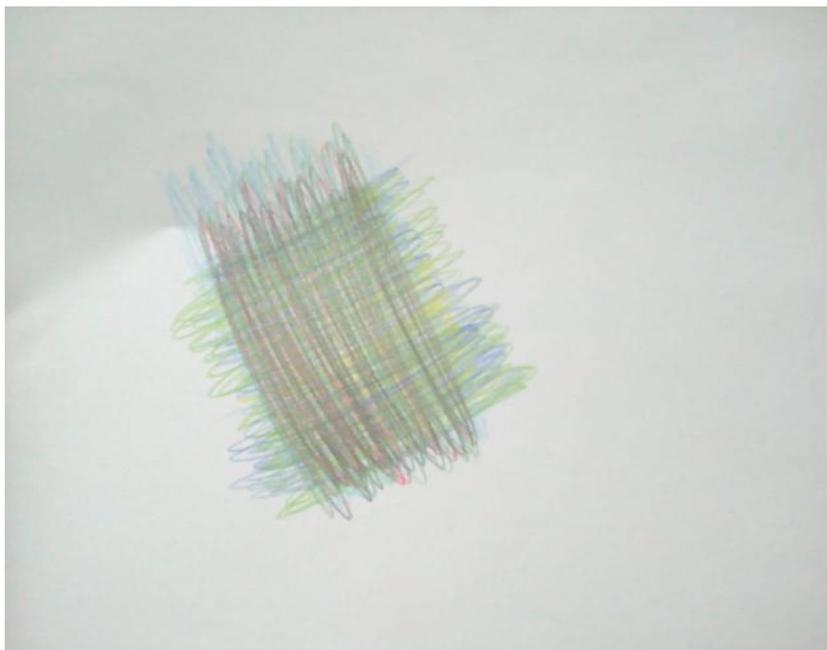


Figura 3: Desenho elaborado para minha linha do tempo

Na figura 2 tentei recriar o casco de uma tartaruga que estive em uma das minhas atividades escolares de quando eu era ainda muito jovem, tentei colori-lo de forma similar a que eu o colori quando criança. Escolhi fazer tal desenho, pois ele representa um grande momento de frustração, já que minha professora na época não aceitou a forma como eu o colori, para ela existia uma maneira certa de pintar. A figura 3 representa a consequência desse momento, já que desde daquela época tive muitas dificuldades para colorir um desenho, seja feito por mim ou um modelo pronto. Por mais que eu tentasse, no fim, eu não conseguia chegar à um resultado satisfatório, assim, eu começava a misturar várias cores, até que elas se tornassem um borrão sem definição. Posso relacionar essa experiência com a seguinte colocação de Derdyk (1989, p.19):

Alguns professores da pré-escola ansiosamente descarregam técnicas para a criança “aprender a desenhar”, inibindo, desta forma, qualquer tipo de exploração ou “subversão”, tanto em relação ao uso do material quanto à manifestação de elementos gráficos que expressem um imaginário pessoal.

Muitas vezes me deparei com professoras que queriam nos ensinar a desenhar, que nos traziam modelos prontos e apontavam quais cores deveríamos usar, desse modo, pessoalmente, desenhar e pintar eram atividades frustrantes. No entanto, como já afirmei antes, por influência da animação japonesa, muito lentamente, voltei a desenhar, mas o grande

ápice do retorno ao meu desenho aconteceu dentro da disciplina de Arte e Educação, por meio dos estudos e atividades que me mostraram que meu desenho não é algo ruim ou feio, mas que ele pode ser desenvolvido e ser algo muito importante em minha vida.

2.3 Meu desenho, minha vida

Gradualmente o desenho começou a tomar espaço em minha vida, um espaço que ia muito além da sala de artes da Faced. Passei a desenhar sempre que existia uma oportunidade durante as aulas, nos intervalos do almoço ou nos fins de semana, quase como uma criança que nunca enjoa de brincar o mesmo jogo. Ana Angélica Albano Moreira (2009) ao tratar das relações entre a arte da criança e do adulto, afirma que ao criar o envolvimento de ambos é completo, no qual o corpo inteiro está presente, assim como num jogo lúdico essencial para a criação. O desenho passou de um mero passatempo à uma atividade essencial e passei a me dar conta disso não só por todo conteúdo que estávamos estudando durante a disciplina, mas, principalmente, pela minha própria vivência (Ver figura 4).



Figura 4: Desenho pessoal

Nesse momento estivemos diante da última atividade da disciplina; o portfólio do desenho infantil, que foi muito importante para entendermos de forma mais prática o estudo sobre o desenho infantil e organizarmos os conteúdos estudados até então. Para a realização dessa atividade, tínhamos que nos dividir em equipes e recolher desenhos de crianças e adultos de várias idades para elaborarmos um portfólio ilustrado baseados na teoria que estudamos acerca do desenvolvimento do desenho infantil e tal documento poderia ser apresentado de várias formas, dependendo da criatividade da equipe, desse modo, eu e os membros de minha equipe decidimos criar um blog⁵.

Assim, partimos em busca dos desenhos que fariam parte de nosso portfólio e como eu trabalhava em um local frequentado por muitas crianças, decidi começar minha coleta por ali. Entre uma atividade e outra oferecia uma folha de papel e pedia para que uma determinada criança desenhasse algo para mim e foi assim, que por diversas vezes eu ouvi: “Tia, eu não sei desenhar.” Segundo Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain (1977), quando “[...] ouvimos uma criança dizer ‘não sou capaz de desenhar’, podemos estar certos de que houve alguma espécie de interferência em sua vida [...]”, assim, começamos a refletir sobre que tipo de interferência pode ter existido na vida dessas crianças.

Posso afirmar que o “não sei desenhar” nunca me surpreendeu de fato, pois eu mesma já o repeti muitas vezes, no entanto, nesse ponto, eu já poderia supor o porquê de tal afirmação existir, considerando o contexto onde eu trabalhava. Trabalhei em um curso com uma metodologia bem específica oriunda do exterior onde eu era professora de matemática. A maior parte dos(as) estudantes eram crianças oriundas de famílias com boas condições financeiras, em sua maioria, estudavam em grandes escolas privadas de Fortaleza, tinham os melhores brinquedos e roupas, bem diferente da realidade da qual eu faço parte, no entanto, nos encontramos no ponto onde nossos desenhos não eram valorizados. No meu caso, tentaram me ensinar como desenhar e isso me desanimou, no caso dessas crianças, seus desenhos eram considerados insignificantes diante do mundo que a sociedade lhes jogava nas costas já tão cedo. Ainda segundo Lowenfeld e Brittain (1977, p.15),

Em nosso atual sistema educacional, a maior ênfase incide sobre a aprendizagem da informação dos fatos. Em grande escala, a aprovação ou reprovação num exame ou curso, a passagem de ano ou mesmo a permanência na escola dependem do domínio

⁵ Link para acesso ao nosso portfólio: <https://portfoliodesenhoinfantil.blogspot.com/>

ou da memorização de certos fragmentos de informação os quais já são conhecidos do professor. Assim, a função do sistema escolar parece consistir em criar pessoas que possam armazenar fragmentos de informação e depois possam repeti-los a um sinal dado.

Portanto, é possível perceber que a escola continua a mesma depois de muitos anos, preocupando-se apenas com o desenvolvimento intelectual das crianças em prol de um futuro no qual elas cresçam, trabalhem e produzam para o mercado. Mesmo as crianças que são filhas de famílias ricas são tão atarefadas que não tem o mínimo tempo para brincar ou se expressar, seja em casa ou em suas escolas, já que esperam que elas cresçam e ocupem os lugares de destaque de seus pais.

Nesse meio onde quase não tínhamos tempo para outra coisa que não fossem as tarefas do curso, aos poucos fui apresentando os meus desenhos aos meus alunos. Como já foi relatado, desenhar passou a ser uma atividade essencial em minha vida e sempre que surgia uma oportunidade eu desenhava. Quando as crianças mais agitadas chegavam, aquelas que adoravam conversar e perguntar sobre tudo e todos, começaram a surgir pequenas oportunidades de dizer a eles que eu desenhava e até mesmo de apresentar alguns de meus desenhos. Um dos casos mais marcantes aconteceu com a estudante Diana⁶ que tinha apenas oito anos de idade, mas se destacava no curso por realizar tarefas avançadíssimas para sua idade. Ela adorava conversar e perguntar sobre tudo e foi assim que ela descobriu que eu desenhava, encantando-se completamente ao saber desse fato, pois ela mesma adorava desenhos. No entanto, sua mãe não gostava disso, considerava o ato de desenhar uma mera perda de tempo e dizia que a filha deveria estudar mais ao invés disso, inclusive a estudante me relatou que houve episódios nos quais a mãe rasgou seus desenhos e os jogou fora, então, ela mesma resolvera parar de desenhar. Porém, quando ela soube sobre meus desenhos, ela voltou a ter interesse no assunto e me pedia para que eu fizesse desenhos para ela constantemente e, confesso, muitas vezes atendia seus pedidos em troca de que ela realizasse suas tarefas, já que ela gostava de gastar todo o tempo das aulas conversando. Depois de algumas semanas, Diana voltou a desenhar, escondida de sua mãe, e me mostrou alguns desenhos que ela mesma tinha feito, além de me dar alguns de presente (Ver figuras 5 e 6).

⁶ Nome fictício utilizado a fim de proteger a identidade da criança e facilitar a leitura da pesquisa e identificação de seus desenhos.



Figura 5: Desenho recebido de Diana

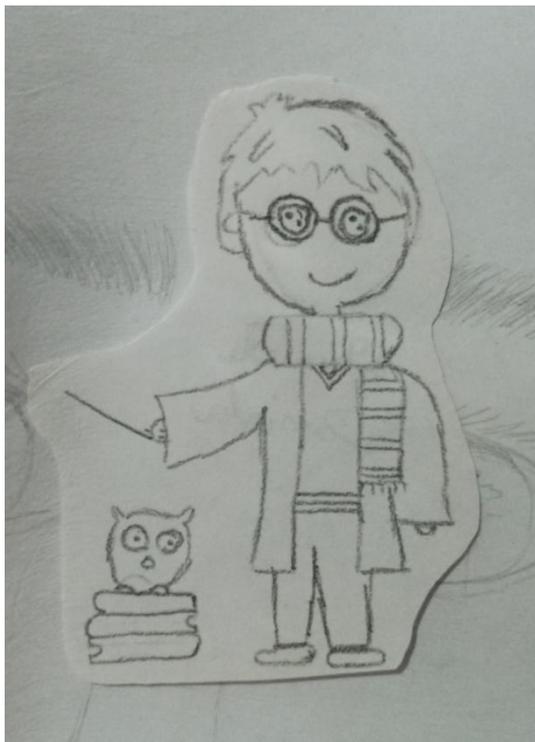


Figura 6: Desenho recebido de Diana

Essa história nos faz pensar sobre a interferência citada por Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain que concordam com o pensamento de Ana Angélica Albano Moreira quando ela diz: “Não vejo que a perda do desenho esteja apenas ligada ao amadurecimento. Não vejo como natural do desenvolvimento, a atrofia de uma linguagem tão viva como é o desenho para a criança” (MOREIRA, 2009, p. 51). Diante disso, tenho que concordar com tais

estudiosos que realmente não é natural a perda de interesse no desenho, pois, geralmente, quando a criança que antes desenhava nos diz “eu não sei desenhar” ela quer nos dizer que de alguma forma seu desenho foi sufocado por algum acontecimento específico ou por algum contexto, seja familiar ou escolar, onde o desenho não foi aceito.

Também podemos refletir sobre a sociedade que vivemos, onde a corrida por produção e aquisição de bens materiais está praticamente acima de tudo, adoecendo pessoas, tirando delas o poder de se expressar e até de viver. Tanto Lowenfeld e Brittain (1977) quanto Moreira (2009) refletem sobre a sociedade industrial e seus efeitos sobre a arte, que a exclui das camadas mais populares a deixando reservada à um grupo seletivo de pessoas. Nas palavras da autora: “A sociedade que condicionou o homem à sua capacidade de produzir para consumir deixou um espaço reservado e à parte para o artista. Um privilégio para a criação, mas também uma forma de exclusão” (MOREIRA, 2009, p. 54). As pinturas, as músicas, as danças que são de todos nós, não chegam à todas as camadas, aqueles que não as conhecem se satisfazem ao viver sem elas, acreditando que as manifestações artísticas não merecem sua atenção, são mera perda de tempo diante das necessidades diárias. Lowenfeld e Brittain, lá nos tempos idos dos anos 70 indicavam esse desinteresse e descaso com relação às questões mais sensíveis e parece que seguimos na mesma direção:

Enquanto as notáveis nos campos especializados, sobretudo nas ciências, num aspecto, melhoraram nossos padrões de vida, noutra, nos desviaram daqueles valores responsáveis pelas nossas necessidades emocionais e espirituais. Introduziram um conjunto falso de valores que ignoram as mais íntimas necessidades da pessoa (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p.18).

Nessa perspectiva social, podemos pensar sobre o papel da escola, que segundo Ferraz e Fusari (p.19, 2009) “[...] é um dos locais onde os alunos têm oportunidade estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais [...]”, desse modo, também é um dos locais onde as crianças, e também adultos, deveriam ter contato com diversas manifestações artísticas. No entanto, diante das exigências de uma sociedade que valoriza as produções e o consumo em massa, a escola tende a atendê-las, deixando de lado, em último plano, no último horário da sexta-feira, a educação artística.

Diante disso, defendo que as pessoas têm o direito de vivenciar suas expressões artísticas, independente de classe, cultura e padrões de beleza, pois penso que a inflexibilidade

que a sociedade nos impõe, nos obrigando a nos submeter a situações indesejadas e extremamente estressantes em prol do poder de produção e aquisição de bens, tem nos adoecido mais e mais, tirando-nos o significado dos sentimentos, do pensamento e da vida. Portanto, acredito que ter vivenciado o desenho, entendendo a sua importância, fazendo dele uma atividade essencial em minha vida bem como expondo minhas expressões a outras pessoas e inspirando-as é o maior ato que posso realizar contra o contexto que a sociedade atual nos impõe.

Concluindo este capítulo, darei início ao próximo capítulo que será dedicado à análise documental. Nesse abordarei documentos que são pertinentes à formação de professores e professoras da Educação Básica, bem como ao ensino Artes nos níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais.

3 ONDE ESTÃO A PROFESSORA E O PROFESSOR

Este capítulo é dedicado à análise documental feita a partir de documentos pertinentes à formação dos pedagogos e pedagogas, mais especificamente, daqueles e daquelas que são formados na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Traremos para essa análise documentos relacionados ao curso de Pedagogia em âmbito geral, como as Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia (2006), além do Projeto Pedagógico do Curso –PPC (2013) que aborda o assunto de modo mais específico.

Posteriormente, serão analisados documentos relacionados à educação de modo mais amplo, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2010), e Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2018), observando o que cada um deles diz sobre o ensino de artes e relacionando-os com o Plano de Ensino da Disciplina aplicado no segundo semestre do ano de 2017. Assim, a partir desta análise será possível cumprir os objetivos de identificar o lugar da disciplina do currículo do curso de Pedagogia, bem com de justificar a importância da mesma a partir da análise dos documentos citados.

3.1 A Pedagogia do Curso de Pedagogia

O curso de Pedagogia Diurno da Universidade Federal do Ceará está vinculado à Faculdade de Educação e por ano recebe em torno de 80 alunos ingressantes. O curso está dividido em oito semestres totalizando 3.216 horas e, segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Diurno (PPC) que esteve em vigência entre o primeiro semestre de 2014 até o segundo semestre 2019, tem seu maior enfoque na formação de professores que atuarão na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, devido à grande demanda nesses dois níveis educacionais. Na justificativa do projeto, afirma-se que para além da demanda e a garantia de acesso à escola, também há a preocupação com a qualidade do ensino oferecido pelos professores, principalmente no Ensino Fundamental, pois “é nesse nível de ensino que se concretiza a possibilidade de desenvolvimento de habilidades básicas, em especial, as relativas ao domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (UFC, 2013, p. 10).

O projeto também traz grande ênfase na Educação Infantil, afirmando que como primeira etapa da educação básica, ela é de responsabilidade do Estado que deve preparar adequadamente os profissionais que irão atuar nesse nível. Além disso, o documento busca apoio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para justificar a formação de pedagogos e pedagogas, citando o artigo 61 da lei, que determina os profissionais que podem atuar na educação escolar básica. Atualmente o artigo afirma que,

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim.

IV - profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36;

V - profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1996).

Além da LDB, a importância da formação do pedagogo e da pedagoga também se justifica pela Resolução nº 1 de 15 de março de 2006, que além de instituir as Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia afirma que o mesmo curso é destinado à formação de professores e professoras que atuarão na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dando à esses profissionais o seu principal campo de atuação.

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006, p.2).

Tais pontos chamam atenção desde a primeira leitura, pois eles, assim como vários outros, podem interferir diretamente na formação dos pedagogos e pedagogas oriundos do curso de Pedagogia da UFC. Primeiramente, há um grande um enfoque na educação básica, que, afinal, é área de atuação desses profissionais, mas principalmente na Educação Infantil, ou seja, a maior parte do curso está direcionada teoricamente para atuação nesse nível. Quando chegamos ao Ensino Fundamental Anos Iniciais, podemos ressaltar o que diz a justificativa do projeto quando ele cita as habilidades de leitura, escrita e cálculo, o que causa certo incômodo, pois, sabemos que, enquanto profissionais, não podemos nos limitar somente a essas habilidades. Mesmo que elas sejam importantes e, por mais que o projeto aborde outros campos de desenvolvimento, inicialmente, ele gera margem para esse tipo de interpretação limitada.

No entanto, o projeto, por meio de sua organização curricular, afirma que a formação do curso deve superar a fragmentação de conhecimentos pedagógicos e sempre enfatiza o papel da interdisciplinaridade que, segundo o documento, está presente na efetivação do curso. Além disso, ao longo do projeto são citadas e explicadas as áreas que os pedagogos e pedagogas podem assumir, bem como as demandas que esses profissionais devem atender, baseadas nas diretrizes curriculares.

Tais diretrizes afirmam que,

O curso de Pedagogia oferecerá formação para o exercício integrado e indissociável da docência, da gestão dos processos educativos escolares e não-escolares, da produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional (BRASIL, 2006, p.10).

Em consonância com tal documento, o PPC do curso de Pedagogia da UFC afirma que os pedagogos e pedagogas podem atuar como docentes, gestores de processos educativos, agentes políticos e educacionais, administradores de estabelecimentos com finalidades educacionais e empreendedores de pesquisas científicas.

Sobre o perfil dos egressos do curso de Pedagogia, as diretrizes afirmam que:

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, **Artes**, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano; (BRASIL, 2006, p.2)

O que corresponde à:

Art. 6º A estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:

i) decodificação e utilização de códigos de diferentes linguagens utilizadas por crianças, além do trabalho didático com conteúdos, pertinentes aos primeiros anos de escolarização, relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, **Artes**, Educação Física; (BRASIL, 2006, p.3).

Essa decodificação, ainda segundo as diretrizes curriculares, deve estar articulada à um núcleo de estudos básicos que deve fazer parte da estrutura do curso de Pedagogia.

Retomando o PPC do curso de Pedagogia da UFC, temos as disciplinas de ensino, que se dividem para abordar cada um dos conteúdos citados pelas diretrizes, exceto a de Educação Física e, além disso, temos a disciplina obrigatória de Arte e Educação (64h), responsável, obviamente, pelos conteúdos correspondentes a Artes.

Diante do exposto documental, voltamos ao ponto principal dessa pesquisa; a disciplina de Arte e Educação. O PPC reserva à disciplina sessenta e quatro horas obrigatórias, nas quais poderão ser cumpridas no quinto semestre do curso de Pedagogia, enquanto isso, as diretrizes reservam o mínimo espaço para os conteúdos relacionados às Artes por meio das habilidades anteriormente citadas. Entendo que diante de documentos gerais, que são referentes a um curso extremamente abrangente, o espaço concedido à arte é condizente, mas quando as diretrizes afirmam que é preciso estabelecer diferentes maneiras de ensinar diferentes linguagens, inclusive a linguagem artística, não é possível afirmar que 64 horas sejam suficientes para que formação de educadores nesse campo seja efetivada.

Além de tudo, devo citar que a LDB diz que,

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas

características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL, 1996).

Ou seja, o ensino das diversas linguagens artísticas não consta somente dentro das diretrizes curriculares, mas também é um componente curricular exigido pela Lei de Diretrizes e Base Nacional da Educação. Desse modo, o trabalho realizado nesse campo deve ser feito com compromisso e a responsabilidade de proporcionar uma mediação adequada.

No entanto, devo contestar o verbo ensinar, que, em minha compreensão, limita e até mesmo empobrece o trabalho educador realizado no campo da docência. Ensinar significa “transmitir conhecimento sobre alguma coisa à alguém” (DICIO, 2019), mas, o campo docente consegue e deve ir além das limitações desse verbo. Segundo Paulo Freire (2014, p.25),

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objetos um do outro.

Assim, os processos educativos transcendem o mero ato de transmitir conteúdo, transformando-se em experiências que envolvem diversos aspectos dos seres humanos, inclusive aspectos estéticos. Portanto, desde a formação, os educadores devem vivenciar um processo que os permitam participar ativamente de sua formação, seja dentro da linguagem artística ou outras linguagens, para que assim, enquanto estiverem no campo docente, possam proporcionar o mesmo aos seus alunos e alunas.

3.2 Arte e Educação para a Pedagogia

A disciplina de Arte e Educação, que faz parte do currículo do curso de Pedagogia da UFC, segundo o seu plano de ensino⁷ em 2017 (ver anexo A), tem como objetivo geral “compreender a importância da Arte e da Arte-Educação para a educação enquanto elemento de formação crítica e criativa, indispensáveis ao desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e intelectual do ser humano.” Para alcançar tal objetivo, a disciplina se propõe a realizar um resgate de processos educativos formativos em arte na vida dos próprios estudantes do curso para, então, construir uma reflexão acerca desses processos e estabelecer compreensão sobre a história do ensino de arte no país.

A disciplina acontece devido às determinações que existem em documentos como LDB e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, mas, além disso, também existem outros documentos que tratam sobre a educação artística formal que acontece no campo da docência nos níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Seguindo a ordem temporal, a análise desses documentos pode ser iniciada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que foram elaborados pela Secretaria de Ensino Fundamental e publicados pelo Ministério da Educação, no ano de 1997. Os PCNs são divididos em 10 volumes que abordam áreas específicas da educação em nível fundamental. O documento também cita dez objetivos gerais o para o Ensino Fundamental, dentre eles está

utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1997, p. 9);

Tal objetivo corresponde ao oitavo volume dos PCNs que trata sobre a Arte e suas diversas manifestações. Tal volume é dividido em duas partes, a primeira delas volta para caracterização da área de Artes, bem como seus objetivos e conteúdos, e a segunda voltada para diversas manifestações artísticas como artes visuais, dança, música e teatro, além de critérios de avaliação e orientações didáticas.

⁷ É importante ressaltar que a disciplina existe há muitos anos dentro do curso, há registro dela desde 1987, segundo Goldberg, Ferreira e Oliveira (2019), por isso, a cada docente que a assumiu ela foi adaptada e ministrada de maneira diferente, pois o plano de ensino é mutável de acordo com o docente.

Ao caracterizar a área da arte, o documento afirma que

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1997, p. 19).

E diz que a área também poderá favorecer a relação com outras disciplinas, já que por meio da arte é possível conhecer diferentes períodos históricos, desenvolver a imaginação para elaboração de textos e estratégias para solucionar problemas matemáticos. Além disso, o documento busca outros elementos para justificar a importância da arte, como o conhecimento de diferentes culturas, o desenvolvimento da sensibilidade e, principalmente, a flexibilidade que é considerada, no texto, como condição fundamental para aprender. E também traz uma breve, no entanto, profunda abordagem histórica sobre a educação artística no Brasil.

De maneira interessante o PCN traz uma pequena discussão sobre dissociação entre a teoria e a prática no ensino de Artes, que busca justificar a necessidade de princípios que orientam professores nessa área. Nesse ponto do texto nos deparamos de maneira mais concreta com a formação dos professores dentro desse campo, pois, segundo o documento, os professores e professoras buscavam de forma quase auditada por recursos e estratégias que utilizariam no ensino de Artes e, desse modo, realizavam experiências isoladas que mal eram compartilhadas com outros profissionais.

Segundo o PCN,

O que se observa, então, é uma espécie de círculo vicioso no qual um sistema extremamente precário de formação reforça o espaço pouco definido da área com relação às outras disciplinas do currículo escolar. Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas (BRASIL, 1997, p. 26).

Assim, no próprio documento fica claro que a Arte ainda não tinha um espaço completamente estabelecido dentro do campo educacional, no entanto, já era perceptível que era necessário oferecer orientação e, além disso, uma formação adequada aos profissionais da educação, por isso a necessidade de estabelecer parâmetros para o ensino de artes.

Os PCNs tratam sobre o Ensino Fundamental, no entanto, em seguida, foram elaborados outros documentos para orientar a Educação Infantil, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, de 1998. O documento foi elaborado e entregue aos professores a partir do momento que a LDB estabeleceu que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, desse modo, pretendia

[...] apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Visa, também, contribuir para que possa realizar, nas instituições, o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p.5).

O RCNEI está organizado em três capítulos que abordam diferentes campos da formação integral da criança que está na Educação Infantil, sendo eles: Formação Pessoal e Social, Conhecimento de Mundo, Identidade e Autonomia, Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Desse modo, o tema Artes Visuais está localizado no volume três do Referencial.

Ao introduzir o aspecto das Artes Visuais, o documento afirma que elas estão totalmente presentes no cotidiano da criança, pois ela as utiliza para expressar suas experiências. Além disso, o Referencial também afirma que sua presença na educação afirmando que as Artes Visuais são linguagens utilizadas para expressão e comunicação humana.

Assim como no PCN, o Referencial também destaca a distância entre a teoria e a prática no ensino de Artes e também afirma que em muitas práticas nesse aspecto são intermediadas como atividades de passatempo, de decoração para datas comemorativas ou como apoio para aprendizagem de números e letras. E, tal afirmação mais uma vez reforça a necessidade de formação e orientações para professores atuantes na educação básica dentro do campo das Artes.

Ao longo do texto, o documento defende as Artes Visuais como uma linguagem de características próprias que deve ser articulada em três aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão. Além disso, ele coloca que o desenho da criança revela muito sobre o tempo histórico, o local e o aprendizado da criança, desse modo, o “[...] o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce” (BRASIL, 1998, p 88).

Antes de especificar conteúdos e orientações didáticas para cada faixa etária presente na Educação Infantil, o Referencial dá um grande destaque para o desenho infantil como modalidade importante no fazer artístico e no desenvolvimento das demais linguagens visuais. O documento afirma que “O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos” (BRASIL, 1998, p. 92). E, a partir desse ponto, ele começa a desenvolver uma breve explicação acerca do desenvolvimento do desenho infantil, que continua a demonstrar uma visão que vai contra as práticas tradicionais geralmente realizadas na educação básica, entendendo a Arte e, principalmente o desenho infantil, como um aspecto relevante para o desenvolvimento da criança.

Ainda dentro do nível da Educação Infantil, em 2010, foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil - DCNEI, pelo Ministério da Educação e Secretaria de Educação Básica. O documento está relacionado as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica e tem os seguintes objetivos:

1.1 Esta norma tem por objetivo estabelecer as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na educação infantil.

1.2 As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil.

1.3 Além das exigências dessas diretrizes, devem também ser observadas a legislação estadual e municipal atinentes ao assunto, bem como as normas do respectivo sistema (BRASIL, 2010, p. 11).

As Diretrizes trazem em seu texto suas definições sobre Educação Infantil, criança, currículo e proposta pedagógica. E, segundo o documento, a criança é

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12).

Desse modo, é possível compreender que as Diretrizes veem a criança como um ser que deve construir e desenvolver diversos aspectos sendo necessária a ele uma educação integral, ou seja, que atenda suas necessidades de desenvolvimento em todos os aspectos.

Ao falar sobre princípios o documento aborda os princípios estéticos, que são pertinentes à educação artística, que na Educação Infantil não é (e nem deve ser) entregue como algo fragmentado em uma disciplina a parte, como acontece no Ensino Fundamental. Segundo o texto, os princípios estéticos são: “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010, p. 16). E tais princípios devem ser respeitados pelas propostas pedagógicas do nível educacional.

As Diretrizes também abordam as diversas linguagens utilizadas pelas crianças, que estão inseridas nos objetivos das propostas pedagógicas que devem garantir experiências que “Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (BRASIL, 2010, p. 25). Além disso, é necessário garantir vivências estéticas que permitam a ampliação de padrões de referência, bem como, a interação com variados campos de manifestações artísticas como músicas, filmes, literatura, teatro e etc.

Ainda segundo a DCNEI, os procedimentos de avaliação devem ser criados pelas instituições de Educação Infantil para acompanhar o desenvolvimento da criança e devem garantir o uso de múltiplos registros, incluindo os desenhos infantis. Além disso, o documento também afirma que a transição para o Ensino Fundamental deve acontecer de modo que haja respeito pelas especificidades etárias, garantindo um processo contínuo de aprendizagem. Portanto, apesar de ser mais simples e raso se comparado o RCNEI, as Diretrizes ainda

abordam e respeitam os diversos aspectos do desenvolvimento infantil e suas várias expressões e formas de registro.

Recentemente, recebemos do Ministério da Educação a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que foi elaborada, segundo o órgão “[...] por especialistas de todas as áreas do conhecimento [...]” (BRASIL, 2018, p.5) e concluída após debates com educadores de todo o Brasil, visando ofertar um conjunto de aprendizagens aos estudantes da Educação Infantil ao 9º do Ensino Fundamental.

A BNCC define a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica e se utiliza da DCNEI como documento base para caracterizar essa etapa. Além disso, no documento, são citados os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil que são:

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2018, p 38).

Diante disso, é possível perceber que a BNCC tenta expressar que valoriza aspectos necessários para o desenvolvimento da criança nessa etapa, inclusive, aspectos referentes ao campo da Arte.

O documento também se divide em Campos de Experiência que se baseiam no que as DCNEI dispõem e são: O eu, o outro e nós, Corpo, gestos e movimento, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala, pensamento e imaginação e, por fim, Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Dentre esses campos, o que mais trabalha com aspectos artísticos visuais como o desenho seria o campo de Traços, sons, cores e formas, pois é nesse campo que a criança terá a oportunidade de “conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar [...]” (BRASIL, 2018, p. 41) o que possibilita a expressão da criança em diversas linguagens, mas, é importante ressaltar, que os outros campos citados também trabalham com a dimensão artística em suas demais áreas. Além disso, o documento afirma que

[...] Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e **apreciação artística**, de modo a favorecer o desenvolvimento da **sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças**, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e **interpretar suas experiências e vivências artísticas** (BRASIL, 2018, p. 41).

O que dá a entender que dentro dessa etapa há uma forte valorização do ensino de artes, no entanto, ao chegar na etapa do Ensino Fundamental, não é possível encontrar o mesmo.

O Ensino Fundamental está dividido em áreas de conhecimento, competências específicas de área, componentes curriculares e competências específicas de cada conhecimento. Ao ler as primeiras páginas do documento, é possível acreditar que cada área de conhecimento receberá um espaço adequado, condizendo com sua relevância na sociedade, mas não é que acontece.

A área de Artes recebe um espaço menor que as demais áreas do conhecimento e seus objetivos e habilidades não são específicos para cada ano do Ensino Fundamental, apenas há a divisão entre dois blocos, um para os Anos Iniciais e outro para os Anos Finais.

No entanto, o documento afirma que o ensino de Artes está centrado nas linguagens de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro e propõe que tais linguagens sejam trabalhadas em seis dimensões que são: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Porém, o que não pode deixar de ser destacada, é a introdução que a Arte recebe nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na qual a BNCC afirma que:

Tendo em vista o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais (BRASIL, 2018, p. 199).

Portanto, tal afirmação dá margem a interpretação que a área de Artes se justifica pelo seu uso como ferramenta de aprendizagem para habilidades consideradas mais importantes, como leitura e escrita, o que, infelizmente, condiz com a forma como ela é vista pela sociedade em geral e é tratada por instituições de ensino básico e superior. Se considerássemos somente a BNCC, não poderíamos esperar que disciplina de Arte e Educação pudesse ocupar um espaço maior que 64 horas.

Considerando as análises feitas até então, a fala dos estudantes do curso de Pedagogia deve ser incluída, e para isso, partirei para um novo capítulo, no qual o grande foco serão as entrevistas feitas com três estudantes que já cursaram a disciplina de Arte e Educação com a professora Luciane Goldberg. A partir de suas falas, será possível investigar os seus olhares sobre a disciplina e seu papel dentro do curso.

4 NOSSO DESENHO

Este capítulo será dedicado exclusivamente às entrevistas realizadas com estudantes do curso de Pedagogia. No total, três estudantes, que já cursaram a disciplina de Arte e Educação com a professora Luciane Goldberg, foram entrevistados por meio de entrevistas semi-estruturadas e, destaco que a identidade de todos(as) foi preservada por meio do uso de nomes fictícios. Além disso, é importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas no início do mês de dezembro do ano de 2019, período no qual o atual contexto de pandemia ainda não se fazia presente em nossos cotidianos, portanto, elas foram realizadas de modo presencial e gravadas em áudio com o consentimento de todos(as) participantes de acordo com o TCLE (Ver apêndice B).

Partindo do pressuposto que estamos diante de uma pesquisa qualitativa que “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2002), busquei analisar as falas dos estudantes a partir de seus significados, dos sentimentos expressos sobre a disciplina e dos seus perfis. Cada estudante entrevistado(a) apresentou um perfil distinto e contextos pessoais que influenciaram muitíssimo a experiência dentro da disciplina. Desse modo, nos encontraremos com relações e experiências bem diferenciadas umas das outras, no entanto, teremos alguns pontos em comum no que diz respeito ao estudo do desenho infantil e a duração do componente curricular.

Portanto, este capítulo foi dividido em três subtópicos projetados e construídos com base nas perguntas da entrevista e respostas dos(as) estudantes. Assim, a primeira parte foi dedicada às atividades mais marcantes para cada um(a), suas impressões e autoavaliações, em seguida, na segunda parte, foi abordada a compreensão de cada sobre o estudo do desenho infantil e, por fim, na última parte, o que cada estudante relatou sobre sua formação e que pensam sobre o lugar da disciplina no curso de Pedagogia.

4.1 Vivenciando a Disciplina

Quando falamos de um processo que envolve a formação de seres humanos em qualquer nível, não podemos ignorar que estamos falando de seres constituem uma história, que se relacionam com outros indivíduos e constroem experiências. Para Inês Ferreira de Souza Bragança (2011)

[...] a formação é um processo interior; ela liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. Assim, podemos afirmar que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana.

Desse modo, não podemos pensar os espaços de formação de maneira dissociada das experiências pessoais de cada indivíduo, pois elas fazem parte da formação de cada pessoa e podem ser refletidas em diversos contextos. Respeitar e utilizar as experiências de cada indivíduo como oportunidades de reflexão e formação individual e coletiva é uma das principais práticas da disciplina de Arte e Educação ministrada pela professora Luciane Golberg:

A disciplina atual propõe o autobiográfico como eixo principal das práticas desenvolvidas, dialogando com os docentes anteriores, colocando o estudante como protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem e promovendo o autoconhecimento, a descoberta de si enquanto seres únicos, singulares (GOLDBERG; FERREIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 166).

O componente traz em suas atividades oportunidades de lembrar e vivenciar experiências relacionadas ao campo artístico em diversos contextos como a escola, a igreja o lar e demais instituições que possam fazer parte da formação de cada estudante. Essas experiências veem à tona em diversos momentos da disciplina, apesar de existir a atividade de linha do tempo na qual essas experiências são abordadas com mais intensidade individualmente e coletivamente.

Portanto, nesse momento, no qual trarei as falas de outros estudantes sobre a disciplina, não posso deixar de salientar que elas são o reflexo das experiências que eles e elas tiveram ao longo da disciplina e, também, em suas vidas pessoais, naquele período. Cada um(a) revelou vivências e opiniões diferente sobre esse momento.

Foram realizadas três entrevistas e dentre os(as) estudantes participantes temos Marcela que foi a única que não enfatizou, além da sua vivência na disciplina, situações pessoais que fogem ao controle dela e influenciaram a sua vida acadêmica, no entanto, ela afirma que a disciplina de Arte e Educação lhe serviu como um escape. A estudante relata que

todo semestre existe uma disciplina que serve como fuga das dificuldades impostas pela vida acadêmica e que naquele período específico foi a disciplina de Arte e Educação.

Como uma de suas atividades mais significativas, Marcela cita a atividade introdutória da disciplina que consistiu em realizar um desenho com coisas mais significativas para si e a oficina de teatro, que reunia atividades específicas desse campo e que foi coordenada por um professor convidado juntamente com a professora Luciane Goldberg.

Marcela revela muita de suas impressões pessoais sobre os conhecimentos construídos na disciplina e que são abordados nos próximos subtópicos e ainda considera sua experiência como satisfatória, mas, em poucas palavras, ela revela que sentiu falta do campo da dança, que não foi abordado, mas não o considera como algo crucial para o desenvolvimento da disciplina em si.

Além de Marcela, foi entrevistado Paulo que, em suas respostas, afirma várias vezes que no momento em que cursou a disciplina estava passando por situações difíceis em âmbito pessoal, e isso afetou diretamente o seu desempenho acadêmico como um todo. Sua experiência na disciplina, segundo o próprio, foi ruim e para ele, as atividades mais significativas foram as aulas expositivas.

Segundo o estudante, sua insatisfação é oriunda desses problemas pessoais pelos quais estava passando além da grande quantidade de feriados que aconteceram no mesmo dia da disciplina. Por isso, ao responder sobre o que ele mudaria no componente, ele afirma que por causa do seu desempenho e falta de envolvimento, não tem muito propriedade para sugerir mudanças, no entanto, também afirma que existem muitos pontos da disciplina que poderiam mudar, inclusive, a sua própria carga horária, que para ele é insuficiente.

Por fim, temos Júlia que revelou uma das vivências mais profundas em relação a disciplina de Arte e Educação. Em suas respostas a estudante revela que para si as atividades mais significativas do curso foram o Auto Retrato e a Linha do Tempo. Para ela, a atividade de Auto Retrato foi importante porque gerou um sentimento de encantamento, enquanto a atividade de Linha do Tempo foi muito interessante por lhe permitir fazer uma viagem por toda sua vida educacional.

A partir da fala de Júlia, é perceptível o espaço importante que a atividade de Linha do Tempo ganha na disciplina. Segundo GOLDBERG; FERREIRA; OLIVEIRA (2019, p.166),

A atividade permitiu identificar que a arte está presente na vida como um todo além dos espaços formais, como escola, museu, teatro etc, e que permitiu resgatar, por meio do processo autobiográfico, experiências formativas em arte e desenvolver um olhar crítico sobre sua qualidade e natureza.

Desse modo, a atividade revela o quão é importante para a formação dos estudantes a associação entre práticas formativas e as experiências de cada indivíduo que faz parte do processo de formação.

Além disso, Júlia revela que para si a experiência na disciplina teve um caráter mais prático, já que além de estudante ela também é mãe, então pôde levar muito do que aprendeu no curso para sua casa. No próximo subtópico falarei sobre esse aspecto da vida da estudante de forma mais prolixa. Assim, segundo ela, sua experiência foi muito boa e seu aproveitamento foi de cem por cento, tanto que não mudaria nada na disciplina.

A seguir, irei apresentar o ponto de vista que cada estudante apresentou sobre o ponto chave desta pesquisa na disciplina de Arte e Educação, que é o estudo sobre o Desenho Infantil. É importante salientar que, apesar de opiniões distintas sobre suas experiências pessoais em relação na disciplina, todos apresentaram um ponto de vista semelhante sobre o estudo.

4.2 O Desenho Infantil

A disciplina de Arte e Educação ministrada pela professora Luciane Goldberg tem como um dos grandes enfoques o estudo do Desenho Infantil. Manter esse estudo como ponto principal do curso é uma consequência dos estudos que a própria professora realizou em sua vida acadêmica. Em sua monografia, por exemplo, a docente defende a importância do grafismo para os indivíduos, sejam eles professores ou estudantes, e que o sistema de ensino, na maioria das vezes, é o maior responsável pela interrupção desse processo.

Além disso, em sua monografia no ano de 2011, a então estudante Ana Caroline Sales Andrade fez uma pesquisa para compreender a importância do estudo do grafismo infantil para os (as) estudantes do curso de pedagogia que cursaram a disciplina de Arte e Educação e que já tinham atuado na educação básica. Naquele momento, ela tinha concluído que “[...] estudo do grafismo infantil é de suma importância na formação do pedagogo, pois este precisa compreender a importância dele para o desenvolvimento da criança e não tomar atitudes que levem a criança a parar de desenhar” (ANDRADE, 2011, p.68).

Sabendo disso, obviamente, um dos conteúdos mais marcantes para todos os estudantes que passaram pela disciplina está nesse estudo, mesmo que tais estudantes não tenham interesse inicial pelo campo das Artes Visuais. Portanto, além das experiências dos próprios estudantes, abordei como um dos pontos principais das entrevistas, o estudo sobre desenho infantil e sua importância para cada entrevistado(a).

Apesar de desenvolverem significados diferentes para o estudo, todos que participaram da entrevista afirmam entender a sua importância em suas práticas enquanto professores e professoras e alguns afirmam terem levado o aprendizado para o campo pessoal, pois o reencontro com o próprio desenho ou a oportunidade de deixar que outras pessoas desenhassem, permitiu-lhes construir um novo olhar sobre o assunto.

Partindo de um ponto de vista mais pessoal para então chegar ao acadêmico, essa análise pode continuar a partir das experiências que cada estudante teve ao reencontrar e reviver seu próprio desenho. Marcela, por exemplo, destaca o sentimento nostálgico que atingiu durante a atividade, que a fez perceber que perdeu algo muito importante. A estudante explica que

[...] voltar a praticar aquilo que lhe dava prazer há muito tempo dá essa sensação de que em algum momento você perdeu aquilo, você perdeu a sua essência de ânimo, de criança, de felicidade...(Marcela).

Essa perda está totalmente ligada à forma como a escola costuma limitar seus estudantes em diversos aspectos, não só o desenho, mas a expressão como o todo é limitada. Segundo GOLDBERG (1999, p 19),

A escola transformou-se em um local de racionalismo, de objetividade e de mera assimilação de conceitos prontos. Não permite que o educando crie uma visão de mundo própria, a partir de vivências e experiências perceptivas. Não há espaço para os sentimentos, para a intuição e para a espontaneidade, pois a arte não está presente em sua essência.

Desse modo, tendo como o principal objetivo repassar conceitos prontos e realizar avaliações sem sentido, afirmando estar preparando crianças para uma vida adulta, a escola, na maioria das vezes, interrompe de forma dolorosa e autoritária qualquer oportunidade de expressão da criança, seja por meio do próprio grafismo, como é abordado na disciplina, seja por meio de outros campos, como a escrita, dramatização, música e etc. Não posso deixar de reafirmar o quão estranho é manter as escolas agindo do mesmo modo por tantos anos, como se para a educação não fossem permitidas mudanças e avanços como são permitidas em outras áreas da sociedade.

Sobre Paulo, sua resposta à experiência com seu próprio desenho é bem diferente das demais. O estudante afirma que a atividade não foi muito significativa para si, que até considerou interessante, no entanto, não houve grande envolvimento com a mesma, o que provavelmente é uma consequência do contexto pessoal e acadêmico que vivia na época em que cursou a disciplina.

Sob outra perspectiva, ao falar sobre o reencontro com seu desenho, Júlia, afirma que a atividade foi muito marcante e lhe proporcionou outra viagem à época de sua infância.

Como se viajássemos na nossa época de criança, quando a gente tava aprendendo os primeiros rabiscos e como a criança se sente quando ela tá desenhando e aquela do início, do princípio, eu me senti, assim, tendo a oportunidade de sentir o que a criança sente e de lembrar algumas coisas da minha infância, né? (Júlia)

A sensibilidade que Júlia demonstra em sua fala ao ressaltar que a atividade lhe permitiu sentir o que a criança sente mostra o quão é importante que a professora e o professor tenham em sua formação experiências no campo artístico para que possam levar isso à escola. Inclusive, para DERDYK (1989, p. 11), “A instrumentalização do educador requer a vivência da linguagem gráfica, pois constatamos lacunas em nossa formação, seja pelo sistema escolar, seja por impedimentos de ordem familiar, social e cultural.” Assim,

considerando que a formação requer esse tipo de experiência, desenvolver esse tipo de sensibilidade que lhe permite colocar-se no lugar da criança é muito importante para desenvolver o trabalho em sala de aula.

Dentro dessa mesma perspectiva, Júlia relata uma história familiar que demonstra um momento de desrespeito à criança e a lacuna que isso gerou em sua mãe. A história é centrada no fato de sua mãe escrever com a mão esquerda, mas ser obrigada a escrever com a mão direita quando criança.

Aí foi outro momento também muito marcante que a gente usou giz de cera e fizemos vários exercícios. “Agora, segure com a mão que você não escreve.” Porque realmente é complicado. Eu comecei a lembrar... Sabe o que foi que eu lembrei nesse exercício? De quando eu comecei a pegar no lápis que eu logo de início, eu só pegava com a mão esquerda, porque eu sou canhota. E aí minha mãe me contava quando eu era criança que ela me diz assim: “Eu não vou fazer com você o que fizeram comigo, porque ninguém aceitava que eu fosse canhota e quando eu pegava o lápis com a mão esquerda, batiam na minha mão e me davam pra escrever com a direita”. Aí a minha mãe disse que até hoje, isso mexeu com ela, e ela ficou confusa, tem coisa que ela faz com a direita, tem coisa que ela só faz com a esquerda. Já eu, ela falava pra mim: “Eu não vou fazer isso com você” (Júlia).

A partir dessa história tão familiar e tão íntima, é possível perceber que desde muito tempo houve desrespeito com a expressão e a forma como a criança se desenvolve. E esse fato não se limita somente ao campo do grafismo, mas também em outros aspectos da vida criança que se refletem até sua vida adulta, assim como pontuou Júlia ao falar que até os dias atuais sua mãe ainda se sente confusa sobre com qual mão usar para realizar suas atividades.

Por fim, Júlia concluiu sua resposta falando sobre a dificuldade que a criança pode ter ao desenhar e escrever e o respeito que se deve ter durante esse processo, o que se destaca na seguinte fala:

[...] eu pude perceber que as iniciativas infantis de desenho e de escrita não é fácil, né? E a gente tem que ter todo um cuidado, todo um respeito, todo um carinho, a gente tem que deixar a criança à vontade pra ela se desenvolver da forma que ela acham melhor, né? (Júlia).

Acerca do estudo sobre o desenho infantil, há um consenso entre o(as) estudantes que ele representa algo muito importante e significativo, no entanto, a forma como cada um apresentou na entrevista os conceitos que construíram foi diferentes. No entanto, ressalto que em nenhum momento tive a intenção de averiguar o que foi aprendido ou não sobre o assunto, expor o que sabiam ou não sabiam foi algo que veio espontaneamente do(as) estudante(s).

Marcela, por exemplo, expressou como o desenho também é uma forma de comunicação para a criança pequena,

“[...] visto que a criança se expressa através do desenho quando ela não consegue articular as palavras, então nos anos iniciais é a melhor maneira de você acessar o mundo da criança.” (Marcela).

Tal fala remete aos estudos de Philippe Greig que no livro *A Criança e seu Desenho: O Nascimento da Arte e da Escrita* mostra a relação do desenvolvimento gráfico com o comportamento afetivo da criança. Segundo o autor,

Os comportamentos de conflito ou de relacionamento desenvolvem-se assim como a própria pulsação de vida, enquanto as condutas de isolamento diminuem quase pela metade, e o gesto gráfico como um verdadeiro prolongamento desses comportamentos, ora violento como o “golpe” de lápis, que é a marca da impulsividade do gesto a ponto de rasgar o papel, ora doce como uma carícia que deixa sua marca, com grafite roçando a folha em um princípio de arabesco (GREIG, 2004, p.21).

Portanto, não somente o desenho é um ato comunicativo da criança, mas também a forma como ela o cria, ou seja, o desenho desde o momento de sua criação é uma das formas de compreender o mundo da criança, assim como pontuou Marcela em sua fala.

Partindo para diferente perspectiva, há a resposta de Paulo, que afirmou que não teve muito envolvimento suficiente com o conteúdo, apesar de considerá-los importante. Segundo o estudante, é possível retirar muitas informações do desenho infantil, no entanto, ele reconhece que necessita buscar mais conhecimentos teóricos para entender o que ele representa.

Enquanto isso, para Júlia, o estudo sobre o desenho infantil se apresentou de forma teórica nas aulas da disciplina, mas também de forma prática, em casa com os desenhos de sua filha. Júlia relatou que sua filha é uma criança que gosta muito de desenhar e ela sempre incentivou essa atividade, isso a ajudou levar o que aprendia no meio acadêmico para sua casa, como ela relata na fala a seguir.

Eu vivenciei tudo isso tendo como se fosse uma oficina em casa, né? Porque ela sempre gostou de desenhar e eu sempre gostei de deixar ela à vontade pra desenhar, coisa que eu vejo que as pessoas não valorizam, as pessoas... Geralmente na escola é cortado, chega um certo ponto que a criança não pode mais desenhar. (Júlia)

Júlia expressa um pensamento ao encontro de vários estudiosos citados nesse documento que afirmam a verdadeira preocupação da escola. Para MOREIRA (2009, p. 66),

[...] a escola forte é medida pela quantidade de material mimeografado contendo exercícios repetitivos e mecânicos, que atestem a quantidade de horas que a criança passou sentada executando-as, e que levados para casa garantam aos pais que rapidamente a criança estará lendo e escrevendo.

A mesma reflexão que é abordada durante a disciplina, sendo um dos principais questionamentos que a professora Luciane Goldberg traz para a sala de aula. A partir de experiência materna, escolar e profissional, enquanto professores e professoras, é possível perceber mais uma vez que a escola não mudou e que continua valorizando determinados conhecimentos em detrimento de outros, ignorando o ser holístico que chega na escola em busca de apoio para a sua formação.

A partir desse ponto, iremos partir para o último subtópico, no qual abordarei as questões referentes ao olhar discente sobre o lugar da disciplina de Arte e Educação no curso de Pedagogia da UFC.

4.3 A Arte e Educação no Curso de Pedagogia

Até então, foi possível analisar as experiências que cada estudante teve com a disciplina de Arte e Educação, bem como, seus olhares e construções sobre o estudo do Desenho Infantil, que é um de seus pontos principais. Desse modo, a partir desse momento, irei expor e analisar o que cada estudante expressou sobre o papel da disciplina, bem como a sua importância na formação de pedagogos e pedagogas.

Considerando a importância da disciplina na formação de educadores, Marcela revela que o componente oportuniza que esses futuros profissionais possam resgatar algo que foi perdido em suas vidas. Para a estudante, o comprometimento com os estudos, com o trabalho e outras demandas sociais tira das pessoas a oportunidade de vivenciar experiências no campo da arte. E, tal colocação apenas nos revela o que já é conhecido de nossa sociedade, o desprezo por áreas que permitam a expressão e o desenvolvimento do pensamento crítico e a valorização da técnica e do trabalho.

Para complementar o pensamento de Marcela, podemos usar a colocação de Paulo. O estudante, apesar de não ter se envolvido de modo esperado com as atividades da disciplina, afirma que a considera importante para formação de professores e professoras. Ele justifica sua afirmação considerando que em nossa formação estudamos muitos conteúdos que nos dizem para olhar para a criança como um ser completo, que vai além da capacidade cognitiva. Além disso, ele expressa o quão importante é a oportunidade de ter experiências no campo da arte, afirmando que a disciplina vai além da formação profissional.

Além desse ponto, há outro que chama mais atenção, pois há um consenso entre o (as) estudantes quando chegamos nele. A maioria expressou seu descontentamento com a carga horária da disciplina, pois a consideraram insuficiente para a grande demanda de conteúdos que ela deve (ou deveria, já que não há tempo) abordar.

Marcela, por exemplo, afirma que deveria haver mais componentes completares a disciplina. Segundo ela,

Era pra ser Arte e Educação I, II, III, IV... Porque a arte tá envolvida em todas as atividades, principalmente no curso de Pedagogia porque é um curso de base. (Marcela).

Tal afirmação se apóia no fato de que os pedagogos e pedagogas que trabalham na educação básica são responsáveis pelo trabalho com o aspecto artístico durante longos anos, o que já foi explanado no capítulo anterior.

E para Paulo, não há tempo suficiente disponível na disciplina para realizar um estudo mais concreto sobre o campo da arte e o desenho infantil. Ele afirma que:

O que eu acho que, talvez, a experiência de ter uma única disciplina e que ela seja ofertada de uma maneira, digamos, isolada das demais, acho bastante problemático, porque não dá tempo você vivenciar tanta coisa e acho que o máximo que a gente consegue, pelo menos no meu caso, entender a importância disso, mas falta muita coisa pra gente saber como tornar isso uma coisa concreta nas nossas aulas (Paulo).

Essa situação relacionada à carga horária do componente não é recente. Segundo o Projeto de Pesquisa *A Arte/Educação dos Cursos de Pedagogia da FAGED-UFC: históricos, abordagens, tendências, concepções e práticas pedagógicas* realizado pela professora Luciane Goldberg juntamente com as, até então, estudantes Maria Eliane Soares Ferreira e Pâmela Paulo Oliveira, que posteriormente gerou um capítulo do livro *Docência em Movimento*, desde 1987, a arte teve pouco espaço nos currículos do curso de Pedagogia da UFC, contendo somente uma disciplina de 64 horas.

Os primeiros currículos traziam uma ênfase ou aprofundamento em Arte e Educação, composta por um rol de disciplinas optativas nas diferentes áreas, propondo também uma conexão com a escola. No início percebe-se a presença de, no mínimo 2 ou 3 docentes com formação em arte, o que foi empobrecendo ao longo dos anos, chegando a ter somente um docente na área a partir de 2011 (GOLDBERG; FERREIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 163).

Desse modo, considerando que é necessário abordar áreas como Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, como é possível formar professores e professoras preparados para lidar com esse campo da Educação Infantil aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com

apenas 64 horas com somente um docente responsável pela área e, geralmente, formado em apenas uma das áreas artísticas⁸?

Essa situação é um reflexo do sistema que a sociedade impõe aos seus indivíduos e que, infelizmente, a Faculdade de Educação, apesar de se dizer contra, acaba sucumbindo a ele, assim como é possível observar na análise que fiz do PPC do curso de Pedagogia, no capítulo anterior. Tal fato se comprova quando as demais disciplinas de ensino têm uma carga horária maior que a disciplina de Arte e Educação que também aborda uma área de ensino.

Apesar de ser considerada uma área de ensino, sempre teve uma carga horária menor que as demais – os ensinamentos possuem carga horária de 64h, o que coloca a Arte como menos importante que as demais, consideradas “sérias”, um estigma histórico que se repete da educação básica ao ensino superior (GOLDBERG; FERREIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 164).

Portanto, não é uma surpresa que existam falas como a de Paulo, que afirma não ter construído conhecimento suficiente para conhecer e trabalhar com artes na educação básica e, nem como as de Marcela, que acredita que deveriam existir mais disciplinas que trabalham com Artes dentro do curso. Pois, apesar do grande entusiasmo e estima que a maioria dos(as) estudantes expressam em relação à disciplina, que, inclusive, atrai estudantes de outros cursos, não é possível afirmar que ela é o bastante para formação de professores e professoras que devem trabalhar com artes na educação básica.

⁸ É necessário registrar que as licenciaturas em arte não são polivalentes como a licenciatura em pedagogia, ou seja, elas são específicas nas 4 áreas; artes visuais, música, dança e teatro. Portanto, um docente licenciado em artes, é licenciado em apenas uma das áreas artísticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo reconhecer o papel da disciplina de Arte e Educação, considerando o trabalho acerca do desenho infantil na formação de professores e professoras no curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Tomando este objetivo como foco principal, busquei ao longo dessa pesquisa identificar o lugar da disciplina no currículo do curso, justificar a sua importância a partir da análise de documentos pertinentes à formação de pedagogos e pedagogas bem como ao seu trabalho em instituições de educação básica e investigar o olhar discente sobre a disciplina. Portanto, a partir do próximo parágrafo, irei explicar um pouco sobre o que foi construído em cada um desses objetivos específicos, para então, chegar às conclusões.

Para identificar o lugar da disciplina no currículo curso de pedagogia fiz uma análise do Projeto Pedagógico do Curso que, apesar de falar sobre uma formação que evite a fragmentação de conhecimentos pedagógicos e que seja interdisciplinar, em suas entrelinhas e práticas o que encontramos foi um grande foco no nível da Educação Infantil e na capacidade de professores e professoras ajudarem seus estudantes a desenvolverem habilidades de leitura, escrita e cálculo. Considerando esse enfoque, temos como consequência a diminuição do espaço de outras disciplinas como acontece com a própria disciplina de Arte e Educação, que tem uma carga horária considerada insuficiente para a grande demanda de conteúdos que deve abordar.

Apesar da sua carga horária de apenas 64 horas, a presença da disciplina se justifica por alguns documentos responsáveis pelo direcionamento da educação básica no Brasil, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, na qual os (as) profissionais com diploma do curso de pedagogia são tidos como um dos trabalhadores responsáveis pelos níveis da Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais. Desse modo, como responsáveis por esses níveis, também são responsáveis pelo ensino de artes na educação básica, o que justifica sua formação nessa área.

Além disso, documentos como os PCNs trazem especificações sobre as áreas do campo artístico que devem ser trabalhadas na educação básica, como Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, que devem fazer parte da formação de educadores e educadoras. E, no RCNEI, que trata sobre a Educação Infantil, o desenho é visto como uma das linguagens que a criança usa para a comunicação.

Na investigação sobre o olhar discente foi possível perceber diversos pontos ligados às análises anteriores bem como o estudo sobre o desenho infantil. Entre o grupo de estudantes que participaram dessa pesquisa, no qual eu me incluo, foi possível perceber que a maioria construiu uma grande estima pela disciplina e por suas atividades.

A disciplina se constrói por meio de vivências atuais que são construídas a partir de vivências do passado dentro do campo da arte. O que tivemos de Arte em nossas vidas? Essa é uma das perguntas que tentamos responder ao longo da disciplina, e, na maioria das vezes, descobrimos que algo se perdeu no caminho, como bem constatou Marcela, uma das estudantes entrevistadas.

É possível notar que o desenho ganha grande destaque, não só por ser um dos pontos principais da disciplina, devido aos estudos e abordagens da professora Luciane Goldberg que a ministrou, mas também pelo significado que ele ganha ao longo do curso. Ao vivenciar o próprio desenho, alguns estudantes relatam que puderam entender melhor como é essa experiência para a criança, como é o caso de Júlia, que teve uma experiência prática ao levar o que aprendia no meio acadêmico para casa com a sua filha, mas também há relatos de reencontros pessoais, como o de Marcela que fala sobre o sentimento nostálgico que teve ao desenhar novamente e como eu mesma relato quando afirmo que comecei a brincar de desenhar.

Por outro lado, também houve um estudante que não considerou sua experiência na disciplina como algo positivo, que é o caso de Paulo, que cita problemas pessoais e o modo como a disciplina foi interrompida por diversos feriados como fatores que prejudicaram seu desempenho acadêmico.

No entanto, todos concordaram que a disciplina desenvolve um papel muito importante e indispensável para a formação dos professores e professoras que saem da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Além disso, a maioria também afirma que a carga horária da disciplina é insuficiente para tudo que ela deve abordar. O que se comprova em pesquisas realizadas anteriormente, como a realizada por Luciane Goldberg, Maria Eliane Soares Ferreira e Pâmela Paulo Oliveira (2019), que afirma que o descaso com a Arte dentro do curso de Pedagogia é uma questão que existe há muitos anos, tanto que por muito tempo a disciplina esteve a cargo de apenas uma docente.

Atualmente, nos encontramos em uma situação um pouco melhor, pois temos, além da professora Luciane Goldberg, outro docente responsável pela disciplina e outras disciplinas como a de Estágio em Arte e Educação e a de Educação Estética. Além disso, há a possibilidade de inclusão novas disciplinas optativas que contemplem a área de artes.

Portanto, podemos reconhecer que o papel da disciplina de Arte e Educação dentro do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará é importante e indispensável, pois, a arte dentro da educação é considerada um como uma área de ensino da qual os pedagogos e pedagogas são diretamente responsáveis até os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além disso, ela é reconhecida por seu trabalho que vai além da formação acadêmica, mas também trabalha com aspectos pessoais que, querendo ou não, se refletem no trabalho de professores e professoras. Entretanto, ainda há muito a se discutir acerca de sua duração, considerando que a carga horária atual não é suficiente para lidar com todos os conteúdos necessários e não condiz com a relevância da Arte na educação. Tal problemática evidencia a desvalorização que a área sofre por muitos anos dentro do próprio curso, bem como na sociedade, que não a vê como um saber útil em um sistema que supervaloriza a produção em massa e o poder de compra.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ana Caroline Sales. **A relevância do estudo do grafismo infantil no curso de pedagogia da faced-ufc**. Monografia (Graduação em Pedagogia licenciatura) Universidade Federal do Ceará, 2014.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei 9394/96). Brasília, 1996.

_____, Ministério da Educação. **Resolução nº 1**. Brasília: 2006.

_____, Ministério da Educação; Secretária de Educação Básica. **Diretrizes curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____, Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____, Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: artes**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

_____, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. Brasília: Editora Scipione, 1989.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Maria de Souza Minayo (Org.) - Petrópolis: Vozes, 2002.

DICIO. **Significado de ensinar**. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/ensinar/>> Acesso em: 06.01.2020.

GOLDBERG, Luciane Germano; FERREIRA, Maria Eliane Soares; OLIVEIRA, Pâmela Paulo. **A Arte/Educação na Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará**. In: Docência e movimento. Francisco Ari de Andrade, Flávio Muniz Chaves, Valdemarin Coelho Gomes (Org). 1ed. Fortaleza: CRV, 2019.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Arte-pré-arte**: um estudo acerca do descongestionamento da expressão gráfica. Monografia (Graduação em Educação Artística licenciatura plena) Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

GREIG, Phillipe. **A criança e seu desenho**: o nascimento da arte e da escrita. Tradução Fátima Murad – Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de artes**: fundamentos e proposições. 2ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. 1ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

RABELO, Daniela da Silva; ARAÚJO, Ellen Cavalcante de. **Linhas do tempo**: discussões e reflexões sobre arte na escola. Trabalho da disciplina de Arte e Educação. Fortaleza: 2017.

SAINT- EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução Guilherme Miranda – São Paulo: PandorgA, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ; BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA; COMISSÃO DE NORMALIZAÇÃO. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ; FACULDADE DE EDUCAÇÃO; COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA. **Cursos de graduação em pedagogia**: Projeto Pedagógico. Fortaleza, 2013.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 - Em qual semestre do curso você cursou a disciplina de Arte e Educação?
- 2 - Quais atividades da disciplina foram mais significativas para você?
- 3 - O estudo sobre o desenho infantil fez você enxergá-lo de outra forma? Você considera esse estudo relevante para sua prática como professora ou professor?
- 4 - Como você se sentiu ao vivenciar seu próprio desenho?
- 5 - Como você avaliaria a sua experiência na disciplina?
- 6 - Existe algo que você mudaria na forma como a disciplina foi ministrada ou nas atividades propostas?
- 7 - Você acha importante que as pedagogas e pedagogos tenham em sua formação experiência com o campo artístico?
- 8 - Como você enxerga a disciplina de Arte e Educação no curso de Pedagogia?

APENDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) por Daniela da Silva Rabelo, estudante de pedagogia sob a orientação da Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg, como participante da pesquisa intitulada: O desenho que nós criamos, um olhar sobre a disciplina de Arte e Educação do curso de Pedagogia da UFC.

Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam compreendidos.

1. O objetivo/a finalidade principal desta pesquisa é reconhecer o papel da disciplina de Arte e Educação, considerando seu trabalho acerca do desenho infantil na formação de professores e professoras no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará;
2. A produção de dados ocorrerá na Universidade Federal do Ceará, localizada no município de Fortaleza - CE, durante o período de aproximadamente duas semanas;
3. Como forma (procedimentos) de produzir dados para essa pesquisa, serão realizadas entrevistas individuais que serão gravadas em áudio. O tempo de duração das entrevistas pode variar de acordo com a necessidade do sujeito de pesquisa, sendo a duração média prevista de, no máximo, 1 (uma) hora;
4. Após realizada a transcrição de áudio, você terá acesso ao texto para avaliar se o que foi transcrito condiz com o que você quis dizer, podendo realizar alguma alteração;

5. Os benefícios desta pesquisa estão em colaborar com o conhecimento científico na área da Arte e Educação, em especial, os conhecimentos sobre o desenvolvimento do desenho infantil;
6. Caso ocorra algum desconforto durante a realização da entrevista, poderá ser comunicado à pesquisadora;
7. Assumimos o compromisso de utilizar os dados e ou materiais coletados somente para fins didáticos e/ou de pesquisa. Os resultados desta pesquisa serão publicados e/ou apresentados em artigos, em revistas especializadas, em congressos científicos, contribuindo para o fortalecimento e ampliação de conhecimentos sobre o desenvolvimento do desenho infantil;
8. Não haverá pagamento em troca da participação na pesquisa e nem deve ser realizado pagamento para participar da pesquisa;
9. Poderá decidir se deseja ser identificado por seu nome ou pode escolher um nome fictício para lhe representar;
10. Poderá a qualquer momento recusar a continuar participando da pesquisa e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo;
11. Poderá pedir qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Caso tenha alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com a responsável pela pesquisa:

Nome: Daniela da Silva Rabelo – matrícula 379331
Instituição: Faculdade de Educação (FACED/UFC)
Telefone: (85) 988067481

Eu _____, _____ anos,
RG: _____, declaro que li cuidadosamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após a leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação e dos procedimentos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

APENDICE C – ENTREVISTAS COM ESTUDANTES

ENTREVISTA 1 - MARCELA

Em qual semestre do curso você cursou a disciplina de Arte e Educação?

Eu acho que foi o quinto semestre.

Você lembra qual foi o semestre letivo ou o ano?

Foi meu terceiro ano na faculdade.

Quais atividades da disciplina foram mais significativas para você? Quais você mais gostou e achou mais importantes?

As que eu mais gostei... Foi o primeiro dia, né? A introdução que era pra desenhar o que me simbolizasse e gostei da oficina de teatro.

Sobre o estudo do desenho infantil, como você o enxerga? E você acha que ele é importante para sua prática como professora?

Eu acredito que sim, visto que a criança se expressa através do desenho quando ela não consegue articular as palavras, então nos anos iniciais é a melhor maneira de você acessar o mundo da criança.

Como você se sentiu ao vivenciar seu próprio desenho?

Nostálgica. Porque, tipo, há muito tempo eu não desenhava, né? Você voltar a praticar aquilo que lhe dava prazer há muito tempo dá essa sensação de que em algum momento você perdeu aquilo, você perdeu a sua essência de animo, de criança, de felicidade... E você recupera isso em algum momento, né? Você reviver isso em algum momento já na sua vida adulta dá essa sensação de que você perdeu algo no caminho.

Como você avaliaria a sua experiência na disciplina?

Ah, satisfatória! Eu participava de todas as aulas, era a melhor disciplina... A disciplina de fuga, podemos dizer assim, né? Todo semestre eu tenho que ter uma disciplina de fuga, essa era a minha.

Existe algo que você mudaria na forma como a disciplina foi ministrada ou nas atividades propostas?

Não. Eu acho que se a gente tivesse a oportunidade de ter tido algo voltado pra dança seria interessante, né? Pra ver outras vertentes, né? Mas nada que fosse crucial.

Você acha importante que as pedagogas e pedagogos tenham em sua formação experiência com o campo artístico?

Eu acredito que assim como eu, né? A gente perde ao longo do caminho, a não ser que você seja muito estimulado. Aquilo ser parte da sua vida, você acaba perdendo, então, você vai dar importância às demandas sociais. Você vai estudar pra ter uma vida socialmente econômica melhor, porque esse é destino das pessoas, da maioria, e acaba perdendo o prazer da arte.

Como você enxerga a disciplina de Arte e Educação no curso de Pedagogia?

Meu Deus! Era pra ser Arte e Educação I, II, III, IV... Porque a arte tá envolvida em todas as atividades, principalmente no curso de Pedagogia porque é um curso de base. Você vai estar lidando com crianças, como eu falei anteriormente, crianças que não tem ainda a sua fala adquirida, ou que ainda vão adquirir ou que estão aprimorando a sua fala ao longo do tempo, né? Porque no caso do Ensino Fundamental elas estão ampliando essa fala ao longo do tempo. E pra acessar algo mais íntimo é melhor que seja através do desenho porque, por mais que você não queira, você vai se desnudando, né? Quando você vai desenhando, você vai implicando ali um pouco de você e de forma inconsciente se desnudando. Eu acho fundamental.

ENTREVISTA 2 -PAULO

Em qual semestre do curso você cursou a disciplina de Arte e Educação?

Se não estou enganado eu tava no quinto semestre. Eu fiz ela... Eu lembro que fiz ela adiantado um semestre do que devia ser.

Quais atividades que foram realizadas na disciplina foram mais significativas para você?

Na minha época, a disciplina era bem corrida, teve muito feriado, muita aula cancelada, então, assim, pelo que eu lembro eu tive, com todas as atividades da disciplina, pouco envolvimento. Mas, eu acho que as aulas foram mais significativas, quando a professora deu aula. Aula, é... Mais centrada nela.

O estudo sobre o desenho infantil fez você enxergá-lo de outra forma? Você considera esse estudo relevante para sua prática como professora ou professor?

Ele foi significativo. Agora, eu acredito que meu aprendizado com esse assunto foi insuficiente. Então, assim, o que eu consigo tirar dessa experiência, é tipo assim... Daquele desenho eu posso tirar muita coisa, que eu preciso entender melhor aquilo, mas... Preciso ir atrás de mais coisa pra entender isso melhor.

Como você se sentiu ao vivenciar seu próprio desenho?

Na época que a gente fez o desenho, a gente fez um desenho da figura humana e a gente fez a lá montagem do retrato com materiais aleatório. E o que eu lembro que teve depois foi uma discussão rápida sobre os desenhos e uma exposição. E... Achei legal, mas assim, não tive muita.... Muitos sentimentos gerados por isso. Talvez tenha sido pouco significativo, não sei, mas não tive um grande... Envio e grandes sentimentos gerados por essa atividade.

Como você avaliaria a sua experiência na disciplina?

Eu avaliaria minha experiência como uma experiência ruim, por todas as questões de contexto, questões pessoais também, na época tava com muita dificuldade de fazer as coisas do semestre, levar o curso em si, e a disciplina era numa sexta-feira a noite e tiveram todos os problemas de cancelamento de aula e tal, e eu acabei me envolvendo pouco com a disciplina. Então, eu consegui tirar muito pouco dela e isso pra mim, inclusive, eu acho que é muito ruim, porque é uma única disciplina. E enfim, agora, eu meio que tento correr atrás, pegar uma coisa ou outra, mas eu acho que nunca é a mesma que você fazer com a própria disciplina.

Existe algo que você mudaria na forma como a disciplina foi ministrada ou nas atividades propostas?

Eu acredito que poderiam ser feitas muitas mudanças, eu acho que tem sim bastante problema. Mas até mesmo como consequência do meu desempenho ruim eu não me sinto

seguro pra fazer nenhuma sugestão, mas acho que muitas mudanças seriam muito bem-vindas sim.

Você acha importante que as pedagogas e pedagogos tenham em sua formação experiência com o campo artístico?

Ah, sem dúvidas. A gente estuda durante o curso um monte de coisa que é... Faz a gente entender como é importante olhar para o ser humano não só como um ser cognitivo. Então, dessa experiência com o aspecto estético, com a arte, é muito importante, principalmente porque... Pelo menos conforme a minha percepção, aí eu me incluo nisso, é uma coisa que a gente não teve como aluno da escola pública. Então, o que eu vejo é que, não é só importante profissionalmente, mas a gente precisa vivenciar isso de uma maneira mais profunda, né? O que eu acho que, talvez, a experiência de ter uma única disciplina e que ela seja ofertada de uma maneira, digamos, isolada das demais, acho bastante problemático, porque não dá tempo você vivenciar tanta coisa e acho que o máximo que a gente consegue, pelo menos no meu caso, entender a importância disso, mas falta muita coisa pra gente saber como tornar isso uma coisa concreta nas nossas aulas.

Como você enxerga o papel da disciplina de Arte e Educação no curso de Pedagogia?

Eu acho que se liga com a outra, né? A gente precisa de uma base pra poder sair de um ensino centrado na cognição, de ensino memorizado, e a questão estética é uma das dimensões que precisa ser desenvolvida pelos alunos. E pra isso, eu entendo que nós precisamos desenvolver isso também, e eu acho que ela deveria ter esse papel formação tanto teórica, conceitual, que eu acho que a disciplina dá conta, mas eu acho que nos falta muitas vivências, pra que a gente... Nós tenhamos experiências estéticas e possamos nos formar esteticamente também, então, eu acho que a disciplina poderia ter esse papel, mas eu reconheço que uma única disciplina é uma coisa muito limitada pra você trabalhar com tudo isso.

ENTREVISTA 3 - JULIA

Em qual semestre do curso você cursou a disciplina de Arte e Educação?

Foi logo quando eu cheguei na UFC, porque, como eu vim transferida, então, eu ainda tava procurando me encontrar em relação as disciplinas, e essa disciplina me chamou muita atenção no hall que tinha de disciplinas disponíveis pra mim. Aí... Arte e Educação já me

encantou logo! Aí eu tava com a minha filha perto, como ela gosta muito de arte, aí ela viu, aí ela: “Mamãe, arte! Arte!” Ai, pronto, foi logo a primeira que coloquei pro semestre, foi 2017.1.

Quais atividades da disciplina foram mais significativas para você?

A que eu mais gostei? Eu gostei muito, muito, muito do autorretrato, né? Foi, assim, maravilhoso, foi um dia assim que você fica encantada mesmo. Encantamento! É tanto que até hoje eu falo pra professora, quando eu vejo ela, que eu amei essa disciplina, toda vida eu digo que eu amei e ela fica... Menina, eu acho ela deve pensar assim: “Tá bom, né? Já falou demais!”. Porque realmente marca. E também a linha do tempo. Também foi muito interessante, gostei muito da linha do tempo, porque você faz uma viagem na sua vida total de educação. O que tem de arte envolvida na sua vida. Como é que tá presente a arte durante todo o percurso da educação. Achei muito legal. Muito bom esses dois momentos. Mas, assim, toda a disciplina foi ótima, do começo ao fim.

Você enxerga o desenho infantil de outra forma depois da disciplina? E você acha que esse estudo foi importante para sua prática?

Ai, o desenho infantil também vai entrar nos importantes! Desculpa não ter mencionado, porque, assim, foi tanta coisa legal, porque a cada dia sempre tinha algo diferente, né? A cada dia tinham discussões e sempre a gente tava fazendo pequenas atividades que a gente fazia que ia contar com nossa nota que a gente nem sentia que a gente tava fazendo, né? Porque a professora fazia de um jeito que gente tinha uma desenvoltura na hora, e a gente nem sentia que tava fazendo uma atividade que ia contar alguma coisa pra nota, né? Aí a gente sempre se reunia em grupos... E esse do desenho também foi muito também marcante. Por quê? Porque justamente eu tive um outro olhar depois que eu participei dessa atividade, eu tive um olhar mais apurado, um olhar que valoriza mais o desenho, que antes eu não tinha essa visão. E principalmente porque como a minha filha... Eu vivenciei tudo isso tendo como se fosse uma oficina em casa, né? Porque ela sempre gostou de desenhar e eu sempre gostei de deixar ela à vontade pra desenhar, coisa que eu vejo que as pessoas não valorizam, as pessoas... Geralmente na escola é cortado, chega um certo ponto que a criança não pode mais desenhar. Aí isso me ajudou muito. As teorias, as práticas que foram feitas na sala com relação ao desenho me ajudou demais a valorizar mais ainda o desenho, na minha visão de futura pedagoga, né? E como mãe também, que tava acompanhando o desenvolvimento da filha. Foi

perfeito, eu aprendi demais. Até hoje eu tenho, assim, as minhas anotações a respeito do desenho infantil. Foi muito bom, muito bom mesmo. Foi enriquecedor.

Como você se sentiu ao vivenciar seu próprio desenho na disciplina?

Foi muito marcante mesmo essa parte aí. Assim, eu lembro que a gente vendou os olhos, né? A professora nos deu as vendas e a gente fez o desenho. Nós podemos... Como se viajássemos na nossa época de criança, quando a gente tava aprendendo os primeiros rabiscos e como a criança se sente quando ela tá desenhando e aquela do início, do princípio, eu me senti, assim, tendo a oportunidade de sentir o que a criança sente e de lembrar algumas coisas da minha infância, né? Aí foi outro momento também muito marcante que a gente usou giz de cera e fizemos vários exercícios. “Agora, segure com a mão que você não escreve.” Porque realmente é complicado. Eu comecei a lembrar... Sabe o que foi que eu lembrei nesse exercício? De quando eu comecei a pegar no lápis que eu logo de início eu só pegava com a mão esquerda, porque eu sou canhota. E aí minha mãe me contava quando eu era criança que ela me diz assim: “Eu não vou fazer com você o que fizeram comigo, porque ninguém aceitava que eu fosse canhota e quando eu pegava o lápis com a mão esquerda, batiam na minha mão e me davam pra escrever com a direita”. Aí a minha mãe disse que até hoje, isso mexeu com ela, e ela ficou confusa, tem coisa que ela faz com a direita, tem coisa que ela só faz com a esquerda. Já eu, ela falava pra mim: “Eu não vou fazer isso com você”. Eu senti essa dificuldade de ter que escrever com a mão... Desenhar com a mão que eu não escrevia, porque realmente existe muito essa falta de respeito, né? E pra mim foi maravilhoso essa experiência, porque eu pude perceber que as iniciativas infantis de desenho e de escrita não é fácil, né? E a gente tem que ter todo um cuidado, todo um respeito, todo um carinho, a gente tem que deixar a criança à vontade pra ela se desenvolver da forma que ela acham melhor, né? Isso foi muito bom, assim, foi maravilhoso. Foi muita coisa que me alertou, me abriu os olhos, que me... Eu pude filtrar muita coisa.

Como você avaliaria a sua experiência na disciplina?

Eu avaliaria que eu tive um aproveitamento muito bom. Foi uma disciplina realmente que eu realmente tive... O aproveitamento foi assim, cem por cento. Porque eu absolvi tudo que eu achei assim... Tudo que era feito era proveitoso, entendeu? Então, assim, pra mim, foi uma das disciplinas que eu realmente levo pra vida. E quando eu tiver assim mesmo tomando conta da sala de aula, com certeza, essa disciplina vai ser uma das mais utilizadas e mais

marcantes, que eu vou mais me remeter, porque eu vejo que precisa muito dar essa chance pras crianças, né? Que elas são... É... Tem muitas barreiras colocadas pra elas, são muito podadas... Podadas, né, que chama? Elas são muito, assim, impedidas de fazer, de criar, né? Por isso que acontecem diversas dificuldades no desenvolvimento de escrita, de leitura, eu acho que tem tudo a ver esse momento na arte na vida da criança, tem muita influência no desenvolvimento geral.

Existe algo que você mudaria na forma como a disciplina foi ministrada?

Pra mim, eu acho que mudaria, assim... Se fosse pra escolher passaria, assim, a ter até mais tempo. Aumentar os créditos! Porque, assim, é algo tão prazeroso, tão bom de você aprender, de você lidar, que eu acho que poderia ser a disciplina que tivesse mais créditos pra poder a gente ter mais, mais do que a gente aproveitar mais ainda. Mais oficinas... Muito bom, muito bom mesmo! Porque assim, na própria disciplina a gente vê que tem mais coisas pra... Só o tempo que acaba sendo curto. E ainda a professora também que a gente vê que tem muito... É muito empolgada, tem muita coisa pra dar e aí acaba ficando complicado... Assim, foi muito bem ministrada, eu gostei.

Como você enxerga o papel da disciplina de Arte e Educação no curso de Pedagogia?

Eu enxergo uma disciplina indispensável, que todo mundo tem que passar por essa disciplina, pra mim foi muito importante. Pra mim foi, assim, maravilhoso ter chegado aqui na UFC e já de cara ter feito essa disciplina. Pra mim foi assim, muito, muito, assim... É... Fundamental mesmo. Foi assim uma espécie de momento que realmente eu disse: “Não, tá valendo muito a pena eu estar aqui nessa universidade!”. Foi muito bom. Assim, eu enxergo que é uma disciplina que não pode ser de jeito nenhum deixada passar batido. Se chegar uma pessoa que venha de uma outra universidade, se essa pessoa tiver feito essa disciplina, se ela tiver pelo menos um tempinho pra ela pelo menos ser ouvinte, participar de algumas aulas, é muito importante. Porque, assim, às vezes você faz uma disciplina em outro local e não é tão marcante, né? Pra mim assim, eu acho que foi muito, muito interessante mesmo.

ANEXOS

ANEXO A - Plano de Ensino da Disciplina de Arte e Educação 2017.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA

Ano/Semestre
2017.2

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1. Centro: Faculdade de Educação					
1.2. Departamento: Teoria e Prática do Ensino					
1.3. Disciplina: ARTE E EDUCAÇÃO	1.4. Código: (PROGRAD)	1.5. Caráter:			1.6. Carga Horária
		Sem	Anu	Obr	Opt.
	PC0006	X		X	
1.7. Professora: Luciane Goldberg – lugoldberg@hotmail.com					
1.8. Curso(s): Pedagogia Diurno e Noturno					
2. JUSTIFICATIVA					
<p>A Arte, em suas variadas linguagens, como o teatro, a dança, as artes visuais e a música, é um elemento essencial para o desenvolvimento social, cognitivo, intelectual e afetivo, portanto, deve ser compreendida em sua amplitude e ensinada com responsabilidade e embasamento teórico e prático. A disciplina de Arte-Educação tem como ponto de partida, resgatar os processos educativos formativos em arte nas trajetórias de vida dos estudantes a fim de fazê-los refletir sobre seu próprio processo de formação artística, suas fragilidades e precariedades para, a partir daí, compreenderem o histórico do ensino de arte no país e a importância deste ensino para a formação humana. Nesse sentido, o estudante terá contato com conceitos e fundamentos importantes da Arte-Educação a fim de ampliar sua visão a respeito do ensino de arte, bem como o contato e a vivência com as expressões artísticas enquanto espectador. A arte não é um mero 'passatempo' ou uma atividade recreativa de lazer como vem sendo trabalhada há muitos anos enquanto processo educativo. É uma área de conhecimento extremamente importante que possui conteúdos, metodologias, tendências e objetivos específicos que devem ser estudados e aprofundados pelo pedagogo para sua prática futura.</p>					
3. EMENTA					

Arte no processo educacional em sua dimensão mais profunda de liberação do pensamento, da percepção, dos sentimentos, do corpo e seus movimentos expressivos e de tudo mais que redunde em expressão. Processo de alfabetização estética através de reflexões sobre arte e suas conexões com os processos educacionais.

4. OBJETIVOS - GERAIS E ESPECÍFICOS

Geral:

- Compreender a importância da Arte e da Arte-Educação para a educação enquanto elemento de formação crítica e criativa, indispensáveis ao desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e intelectual do ser humano.

Específicos:

- Definir Arte e Arte e Educação;
- Resgatar processos formativos em arte por meio das histórias de vida e identificar as práticas existentes em Arte no ensino, bem como suas fragilidades e precariedades;

- Conhecer a História do Ensino de Arte no Brasil e as consequências desta para a definição de metodologias, práticas, currículos e percepções;
- Apreender os fundamentos, tendências, concepções de ensino e metodologias da arte-educação;
- Resgatar a capacidade criadora e sensibilizar quanto à importância de um trabalho em Arte que respeite a construção de um sistema próprio de representação;
- Reconhecer a importância do desenho infantil para o desenvolvimento humano e saber identificar e reconhecer as fases do grafismo infantil.

5. DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO/UNIDADES

**5.1. CARGA
HORÁRIA – 64h**

<p>1. DEFINIÇÃO DE ARTE, E ARTE-EDUCAÇÃO: 1.1. Definição de Arte; 1.2. Definição de Arte e Educação: fundamentos</p> <p>2. ARTE, HISTÓRIA E ENSINO: 2.1. História do Ensino de Arte; 2.2. Linhas do tempo: histórias de vida e formação em arte; 2.3. Histórico do Ensino de Arte no Brasil: Educação Artística, Educação Através da Arte e Arte-Educação; Tendências Pedagógicas e o Ensino de Arte;</p> <p>3. DESENHO INFANTIL E DESENVOLVIMENTO HUMANO 3.1. Desenho diagnóstico 3.2. Oficina do Grafismo; 3.3. Panorama geral das fases do grafismo infantil; 3.4. Portfólio do Desenho Infantil (atendimento, orientação).</p> <p>4. FILMES, OFICINAS e/ou VISITAS ORIENTADAS (de acordo com o tempo disponível)</p>	<p>08h</p> <p>24h</p> <p>16h</p> <p>16h</p>
<p>6. METODOLOGIA DE ENSINO</p>	
<p>A disciplina será desenvolvida com base nos seguintes procedimentos metodológicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas e dialogadas com o uso de recursos audiovisuais (vídeos, apresentações em ppt, etc); • Leitura e discussão de textos buscando o aprofundamento das temáticas estudadas; • Trabalhos em grupos para oportunizar a troca de experiências e o envolvimento ativo do aluno; □ Dinâmicas, oficinas e visitas orientadas; • Exibição de filmes, vídeos e debates; 	
<p>7. ATIVIDADES DISCENTES</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • Participação das discussões em sala de aula, contribuindo com suas vivências, questões, sugestões e opiniões; • Realização das leituras propostas para garantir um avanço e aprofundamento na compreensão dos temas trabalhados; • Envolvimento ativo nas tarefas de grupo como forma de investir em sua aprendizagem; □ Assiduidade e pontualidade nas aulas. 	
<p>8. AVALIAÇÃO</p>	
<p>A avaliação terá o caráter de acompanhamento do desenvolvimento do(a) aluno(a) em relação aos estudos realizados procurando identificar possíveis dificuldades de aprendizagem para buscar solucioná-las no decorrer do processo. Serão realizadas as seguintes atividades avaliadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definição de Arte e de Arte e Educação (em grupos); • Linha do Tempo: “A arte na minha vida” (individual); • Linha do Tempo: análise crítica coletiva, individual e fundamentada (individual ou em duplas); □ Portfólio do Desenho Infantil (individual ou em grupos); 	
<p>9. BIBLIOGRAFIA</p>	

9.1. Básica

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2002.

FERRAZ, Maria de & FUSARI, Maria. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

LOWENFELD, Viktor. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

OSINSKI, Dulce. **Arte, história e ensino: uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2001. (Col. Questões da nossa época).

PERALTA-CASTELL, Cleusa. **Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado**. Rio Grande: FURG, 2012.

SILVA, Everson Melquiades Araújo e ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação**. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/ge01-3073--int.pdf.

9.2. Complementar

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. – Brasília: MEC/SEF, 1998 – Volume 3.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1991.

GOLDBERG, L.G. **Arte-Pré-Arte: um estudo acerca da retomada da expressão gráfica do adulto**. Monografia (Graduação em Educação Artística-Licenciatura Plena) Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O Espaço do Desenho: A Educação do Educador**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

PORCHER, Louis. **Educação Artística: luxo ou necessidade?** Trad. Yan Michalski. São Paulo: Summus, 1982.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZAGONEL, Bernadete (Org.). **Avaliação da Aprendizagem em Arte**. Curitiba: IBpex, 1009. (Metodologia do Ensino de Artes, v. 8).